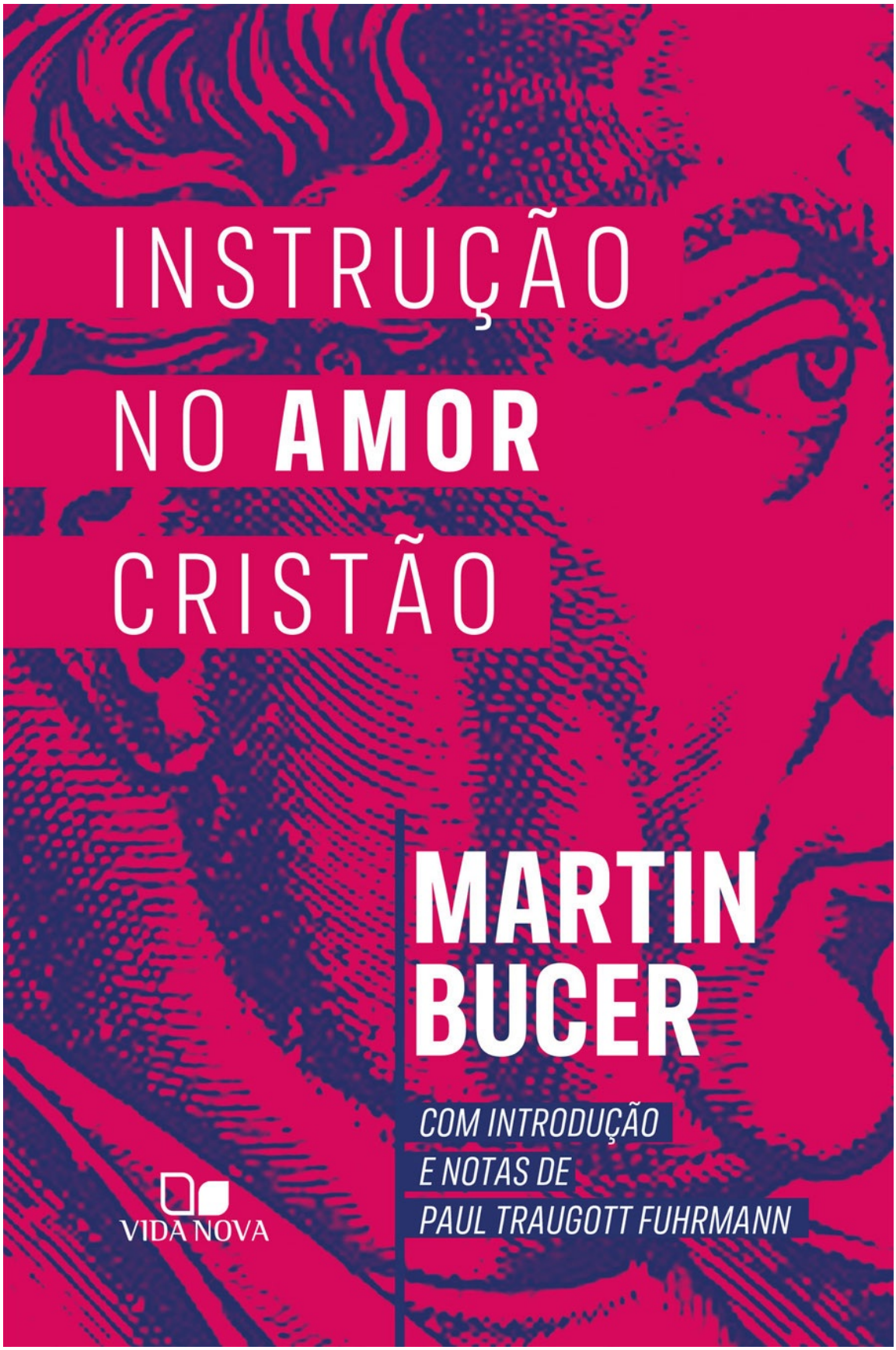
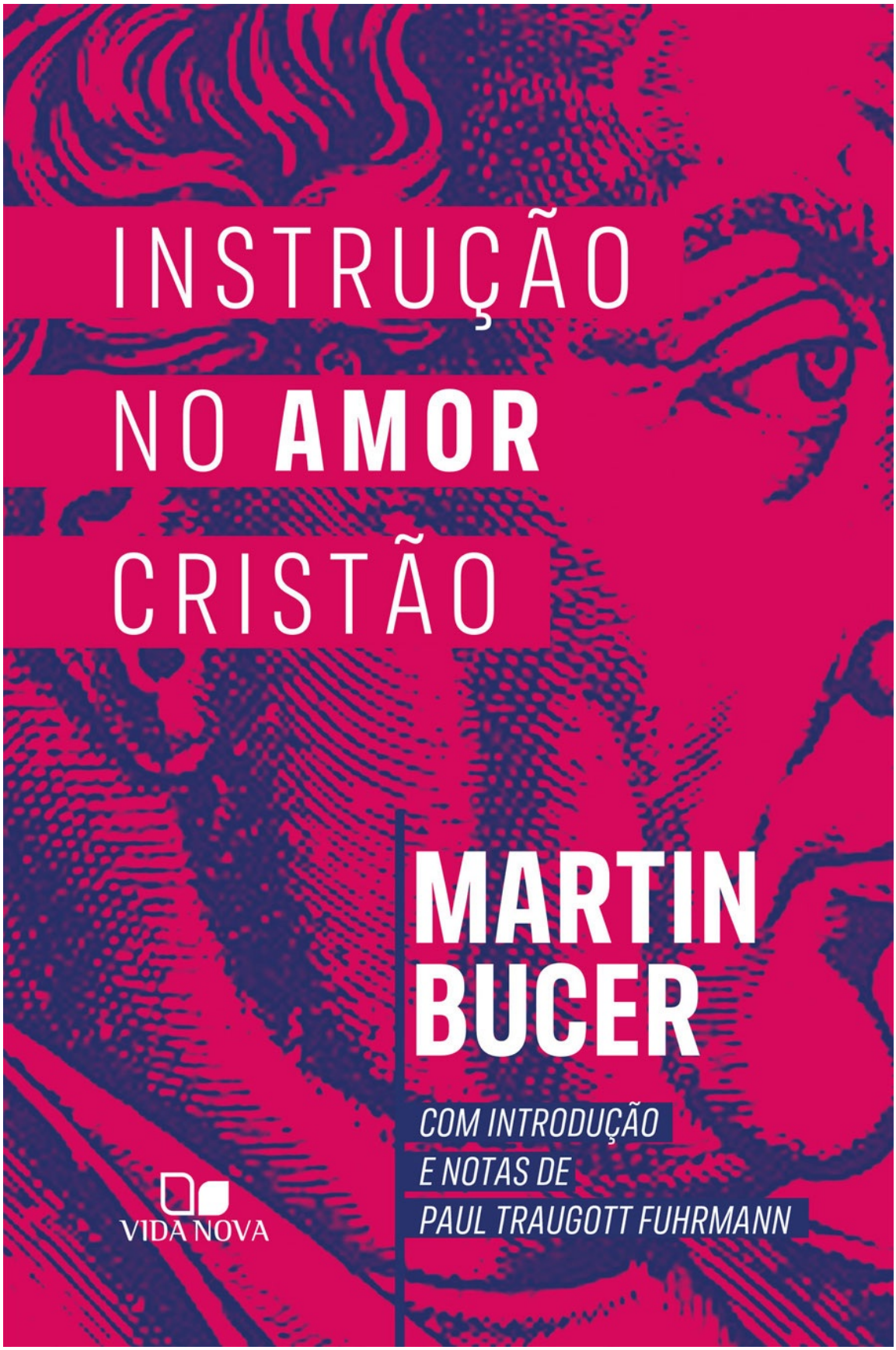

INSTRUÇÃO
NO AMOR
CRISTÃO
MARTIN
BUCER
COM INTRODUÇÃO
E NOTAS DE
PAUL TRAUGOTT FUHRMANN
VIDA NOVA


INSTRUÇÃO
NO AMOR
CRISTÃO
MARTIN
BUCER
COM INTRODUÇÃO
E NOTAS DE
PAUL TRAUGOTT FUHRMANN
VIDA NOVA

INSTRUÇÃO NO **AMOR** CRISTÃO

cópia não autorizada
ABDR
Associação Brasileira de Direitos Reprográficos
Respeite o direito autoral

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Bucer, Martin, 1491-1551

Instrução no amor cristão: com introdução e notas de Paul Traugott Fuhrmann / Martin Bucer; tradução de Daniel Hubert Kroker. — São Paulo: Vida Nova, 2023.

96 p.

e-ISBN 978-65-5967-206-6

Título original: Instruction in Christian love

1. Vida cristã I. Título II. Kroker, Daniel Hubert III. Fuhrmann, Traugott

23-1714

CDD 248.2

Índice para catálogo sistemático:

1. Vida cristã

INSTRUÇÃO NO **AMOR** CRISTÃO

MARTIN BUCER

COM INTRODUÇÃO E NOTAS DE
PAUL TRAUGOTT FUHRMANN

TRADUÇÃO
DANIEL KROKER

VIDA NOVA

©1523, 1952

Título do original: Instruction in Christian love,

edição publicada por JOHN KNOX (Louisville, Kentucky, EUA).

Todos os direitos em língua portuguesa reservados por

SOCIEDADE RELIGIOSA EDIÇÕES VIDA NOVA

Rua Antônio Carlos Tacconi, 63, São Paulo, SP, 04810-020

vidanova.com.br | vidanova@vidanova.com.br

1.ª edição: 2023

Proibida a reprodução por quaisquer meios,

salvo em citações breves, com indicação da fonte.

Impresso no Brasil / Printed in Brazil

Todas as citações bíblicas sem indicação da versão foram traduzidas diretamente das versões em inglês utilizadas pelo autor.

DIREÇÃO EXECUTIVA

Kenneth Lee Davis

COORDENAÇÃO EDITORIAL

Jonas Madureira

EDIÇÃO DE TEXTO

Rosa M. Ferreira

PREPARAÇÃO DE TEXTO

Fernando Mauro S. Pires

REVISÃO DE PROVAS

Josiane S. de Almeida

COORDENAÇÃO DE PRODUÇÃO

Sérgio Siqueira Moura

DIAGRAMAÇÃO

Sandra Reis Oliveira

CAPA

Wesley Mendonça (@falecomwesley)

CONVERSÃO PARA EBOOK

Cumbuca Studio

Dedicado a

HENRI STROHL,

historiador cristão,

e

EDWIN LEWIS,

pensador cristão

A felicidade trivial consiste em receber, e ela nunca recebe o suficiente; o amor precisa dar, e nunca deu o suficiente; os sacrifícios esgotam a primeira; os sacrifícios sustentam o segundo; e, embora aquela não ganhasse nada em ganhar o mundo inteiro, o último é enriquecido pelas suas próprias perdas.

— A. Vinet.

SUMÁRIO

Apresentação de Franklin Ferreira

Introdução de Paul Traugott Fuhrmann

Prefácio de Martin Bucer

PRIMEIRA PARTE

Todo homem deve viver não para si mesmo, mas para os outros

SEGUNDA PARTE

Como o homem pode alcançar o ideal de viver não para si mesmo, mas para os outros

APRESENTAÇÃO

UMA TEOLOGIA CONCISA E PROFUNDA DA OBEDIÊNCIA

Martin Bucer foi um reformador alemão que exerceu imensa influência em seu tempo e teve uma vida bastante agitada. O leitor poderá aprender mais sobre ele ao ler a introdução de Paul Fuhrmann a este precioso livro publicado em 1523, quando o reformador acabara de chegar à cidade livre imperial de Estrasburgo. Foi um autor prolífico durante a Reforma protestante, exercendo profunda influência sobre as tradições reformada, luterana, anglicana e puritana. Mas, somente há pouco tempo, suas obras começaram a ser traduzidas para a língua portuguesa.[1]

Esta obra, ainda que breve, oferece ao leitor uma boa introdução à profundidade teológica e pastoral de Bucer.[2] Ela é composta de dois capítulos. O primeiro discorre sobre a exortação, e tem como alvo central o cristão, que é exortado a não viver para si mesmo, mas, sim, para o próximo. Esse capítulo ocupa a maior parte desta obra, mostrando que essa obrigação — de não viver para si mesmo, mas para o próximo — tem relação sobre como os homens foram criados, e que essa obrigação é vigente sobretudo para os cristãos. Portanto, ele condena os homens que buscam seus próprios interesses, alimentando a injustiça. Ao final, ele termina dizendo que, além de o cristão não buscar seus próprios interesses, ele deve também abrir mão do que lhe é devido para promover o bem-estar dos outros. O segundo capítulo trata da aplicação, concentra-se em como o cristão pode cumprir seus deveres de forma útil e convincente.

É importante constatar, nesta obra, que Bucer tem a capacidade de ampliar ao máximo a percepção do leitor e oferecer a ele uma visão ampliada da realidade. Essa visão nos oferece princípios orientadores, a partir do “centro de tudo”, a Palavra de Deus: como devemos nos relacionar com tudo e com todos na vida. Vale a pena prestar atenção à sua compreensão da afirmação do apóstolo Paulo:

A criação aguarda ansiosamente a revelação dos filhos de Deus. Porque a criação ficou sujeita à inutilidade, não por sua vontade, mas por causa daquele que a sujeitou, na esperança de que também a própria criação seja libertada do cativeiro da degeneração, para a liberdade da glória dos filhos de Deus. Pois sabemos que toda a criação geme e agoniza até agora, como se sofresse dores de parto (Rm 8.19-22).

Embora estejamos muito conscientes de nosso próprio sofrimento e luta, pode ser desconcertante para o leitor descobrir o quão pouco os cristãos pensam na situação da criação, que geme e está gemendo conosco, ansiando pelo dia de sua libertação também.

De acordo com Bucer, “a criação inteira [...] deveria ter sido usada para o louvor e a glória do seu Criador e para a preservação e o benefício dos homens”. Mas a criação “foi desonrada, profanada e depravada pelo nosso uso distorcido e diabólico e nossa busca dos próprios interesses”. Assim, “o máximo que podem, os ímpios usam a criação para a destruição de si mesmos e de outros, dessa forma insultando e desonrando a Deus”. Para Bucer não é que Deus nos amaldiçoou por causa da Queda e assim a criação também foi amaldiçoada. Ou seja, a criação estaria sujeita à futilidade e à escravidão da corrupção, assim como nós. Como ele argumenta, a criação foi amaldiçoada porque nos tornamos maus e pecadores, ou seja, a criação foi amaldiçoada por nossa causa. Na ordem criacional, a criação está sujeita ao governo do homem. Com a nossa queda, o relacionamento com a criação foi rompido e esta se encontra amaldiçoada por causa das más decisões de seres humanos pecadores em relação à criação. Mesmo que Deus amaldiçoe a criação, isso ocorre por causa do seu julgamento contra a raça humana.

Bucer também elabora como teria sido nosso relacionamento com a criação se não tivéssemos caído em pecado. Qual era o propósito original da criação? “O objetivo de Deus [...] foi que todas as coisas existentes pela sua bondade a reconhecessem e se regozijassem nela. Essa é a razão de nós, suas criaturas, podermos e devermos estar a serviço dele na administração da sua bondade”, servindo “a todas as outras tendo em vista o bem de todas as criaturas”. Para ele, Deus tudo operaria por meio de suas criaturas e realizaria o bem por meio delas. Pois somente “Deus faz bem a todas as coisas”, assim as criaturas inferiores seriam subservientes ao homem; e o homem as usaria como deveria ter feito, isto

é, governando-as de acordo com as decisões e a vontade de Deus.

E como é viver nos últimos tempos? Este é um tempo em que a injustiça age com aparente impunidade e o amor parece se extinguir; cada homem busca e se conforma com uma vida fácil e deseja explorar o trabalho dos outros, enquanto a vida cristã exige o contrário. E o que é a fé e como ela atua nos últimos tempos? Para Bucer, a fé verdadeira traz abnegação, dedicação de si mesmo ao serviço de outros homens, esquecimento de si mesmo e viver inteiramente para os outros — para a glória de Deus. Se a fé não opera assim, então não é fé verdadeira e legítima, é uma fé morta, não é fé alguma. Assim, os que têm fé verdadeira precisam compreender que não devem viver buscando seus próprios interesses nos últimos tempos, pois os que creem têm certeza de que o Deus eterno se preocupa com eles, cuidando deles como seus filhos queridos. Portanto, a compreensão de Bucer do amor cristão é de que "a fé verdadeira certamente produz o amor verdadeiro que nos faz transbordar em boas obras ao nosso próximo e viver não para nós mesmos, mas para a glória eterna de Deus". Assim, "o nosso maior compromisso deve ser nos dedicarmos à Palavra divina, ouvi-la, lê-la, meditar sobre ela com o máximo zelo e praticá-la. [...] A Palavra divina produz a fé; a fé produz o amor; o amor produz as boas obras como seus frutos — em conformidade com os quais Deus nos dá a herança eterna, uma vida totalmente divina e bem-aventurada" — é assim que os que têm fé em Cristo vivem nos últimos tempos.

O reformador João Calvino, que foi muito influenciado por Bucer, afirmou sobre ele:

... por causa de sua profunda erudição, seu conhecimento abundante sobre uma ampla gama de assuntos, sua mente aguçada, suas amplas leituras e muitas outras virtudes diferentes, permanece hoje insuperável por qualquer um, pode ser comparado apenas a alguns, e supera a grande maioria.[3]

O mártir John Bradford disse que ele era um "profeta de Deus e um verdadeiro pregador".[4] Este breve mas poderoso livro atesta o testemunho destes dois gigantes do século 16, e vale ouro — pela forma com que Bucer oferece aos seus leitores uma robusta compreensão da obediência cristã, e à medida que essa

obediência não diz respeito apenas à piedade interior ou pessoal — também tem uma forte dimensão social.

Diante de tudo isso, este é um livro que vale a pena ser lido repetidas vezes!

Franklin Ferreira, DDiv

Reitor do Seminário Martin Bucer,

São José dos Campos-SP.

---

[1]Para introduções ao pensamento de Martin Bucer, cf. Thomas Schirrmacher, Martin Bucer: o defensor do amor (Rio de Janeiro: Pro Nobis, 2022) e Henri Strohl, O pensamento da Reforma (São Paulo: ASTE, 2004).

[2]Vários dos comentários de Bucer a trechos de livros da Escritura Sagrada podem ser encontrados na fantástica série Comentário Bíblico da Reforma, organizada por Timothy George e Scott Manetsch. Cf. John Thompson, org., Comentário Bíblico da Reforma: Gênesis 1—11 (São Paulo: Cultura Cristã, 2015); Herman Selderhuis, org., Comentário Bíblico da Reforma: Salmos 1—72 (São Paulo: Cultura Cristã, 2018); Carl Beckwith, org., Comentário Bíblico da Reforma: Ezequiel e Daniel (São Paulo: Cultura Cristã, 2014); Beth Kreitzer, org., Comentário Bíblico da Reforma: Lucas (São Paulo: Cultura Cristã, 2017); Craig Farmer, org., Comentário Bíblico da Reforma: João 1—12 (São Paulo: Cultura Cristã, 2015); Philip Krey, Peter Krey, orgs., Comentário Bíblico da Reforma: Romanos 9—16 (São Paulo: Cultura Cristã, 2018); Gerald Bray, org., Comentário Bíblico da Reforma: Gálatas e Efésios (São Paulo: Cultura Cristã, 2017); Graham Tomlin, org., Comentário Bíblico da Reforma: Filipenses e Colossenses (São Paulo: Cultura Cristã, 2017). A obra clássica de Martin Bucer, Concerning the true care of souls (Edinburgh: Banner of Truth, 2009), editada por Peter Beale, está no prelo pela Pro Nobis.

[3]Citado em Keith Mathison, “Martin Bucer: A Reformer and His Times”, em Ligonier Ministries, 24 de agosto de 2010: https://www.ligonier.org/learn/articles/martin-bucer-reformer-and-his-times.

[4]John Bradford, “Farewell to the University and Town of Cambridge (1555)”, in: The Writings of John Bradford (Edinburgh: Banner of Truth, 1979), vol. 1, p. 445.

INTRODUÇÃO[1]

Martin Bucer, ou Butzer, nasceu em 11 de novembro de 1491, em Schlettstadt, uma pequena cidade na Alsácia, porém a sede de uma famosa escola de humanistas. Bucer estudou na escola latina local e com quinze anos ingressou na Ordem dos Pregadores, ou Ordem Dominicana. Aos 25 anos, foi transferido para o Mosteiro de Heidelberg, ali continuou estudando teologia e os clássicos, teve aulas de grego com Brenz e se tornou um admirador fervoroso de Erasmo.

Em 1518, Lutero foi convocado para comparecer diante do conselho de cônegos da Ordem Agostiniana em Heidelberg. No ano anterior, nosso professor de Bíblia de Wittenberg havia afirmado que, na sua pregação do arrependimento, não era possível que Jesus tivesse em mente o sacramento católico romano da penitência. Lutero entendia o arrependimento não como uma instituição, mas, sim, como um estado interior da alma, um processo e movimento da nossa vida que dura por todo o tempo em que vivemos.[2] Na visão das autoridades da igreja romana, a consequência natural dessa "ressurreição" do arrependimento evangélico seria a substituição e até mesmo a dissolução da penitência como a instituição básica da igreja romana e sua fonte principal não apenas de doações, mas também de boas obras consagradas. Portanto, Lutero precisou ir justificar suas visões em Heidelberg, e isso proporcionou a Bucer uma oportunidade de observá-lo nessa controvérsia. Bucer certamente ouviu as 28 teses de Heidelberg de Lutero, que em nosso século acabaram se transformando no princípio fundamental da reinterpretação escandinava de Lutero[3] — a tese que afirma que o "amor do homem é gerado por aquilo de que o homem gosta, mas o amor de Deus não encontra nada amável no homem. Deus cria no homem o que Deus ama".[4] E na mesma ocasião Bucer também ouviu a estranha explicação de Lutero: "O amor da cruz, originado na cruz, é este: ele se transfere não onde encontra algum bem a ser apreciado, mas ali onde pode conferir algum bem a um pecador ou a um miserável".[5]

Bucer também teve a oportunidade, após o debate, de conversar com Lutero e de conhecer de modo mais íntimo o dinamismo original do professor de Wittenberg. Pois, segundo o deão Strohl,[6] durante essa interação pessoal, Lutero apresentou o esboço geral do seu Curso de Romanos de 1516-1517: "O cristão reconhece que é simultaneamente tanto pecador quanto justo: um pecador na realidade, mas

justo de acordo com a consideração e a promessa segura de Deus e, por causa disso, ele é perfeito, completo na esperança, embora na realidade um pecador. Mas o cristão tem o início da justiça, para poder sempre buscar e pedir mais, sempre ciente da sua condição de injusto”[7] — durante a vida inteira, o cristão permanece ao mesmo tempo pecador e justo, sempre se voltando a Deus — simul peccator et iustus, semper penitens.[8]

Lutero impressionou de modo profundo o jovem Bucer. Este escreveu a seu amigo Beatus Rhenanus que “Lutero solucionou todas as objeções, não com o refinamento de Duns Escoto, mas com a perspicácia de Paulo; as respostas concisas de Lutero, extraídas da Palavra de Deus, impressionaram a todos [...]. Lutero se mostrou muito semelhante a Erasmo, mas muito superior a ele, uma vez que ensinou claramente coisas que Erasmo apenas havia sugerido”.[9] Bucer confessou ter se tornado um “martiniano”, isto é, ter sentido o impacto do movimento de Lutero, porém, em um sentido, ele também permaneceu fiel a Erasmo. Ao longo da vida, Bucer de fato foi um humanista cristão; seu ideal foi formar homens completos: cristãos que fossem eruditos e eruditos que fossem cristãos.

Bucer continuou a se corresponder com Lutero, Melâncton, Spalatin e Capito. Esse fato, somado à expressão de suas novas percepções, tornou difícil a posição de Bucer no mosteiro. Assim, após pedir à sé romana e obter dela a liberação dos seus votos monásticos, ele ingressou no clero secular. Bucer se tornou o capelão do conde palatino Frederico e, depois, pastor nas terras do Cavaleiro de Sickingen, em 1522. No entanto, após seu ambicioso patrono travar — e perder — uma guerra por conta própria contra o eleitor de Treves, Bucer precisou ir embora de novo. A caminho de Wittenberg, foi contratado como pregador em Wissenburg. Ele mal havia completado seis meses ali quando o bispo de Espira o excomungou porque Bucer tinha se casado; e uma nova guerra local o obrigou a partir mais uma vez.

Bucer foi para Estrasburgo, chegando a esse lugar “não como alguém que havia sido chamado, mas como um fugitivo sem recursos e sem posição eclesiástica”.[10] Mas ele pôde permanecer ali por duas razões: em primeiro lugar, seu pai havia sido cidadão de Estrasburgo desde 1508; em segundo lugar, a Reforma do cristianismo estava em ação em Estrasburgo desde 1521 — graças à habilidade política de James Sturm. Apoiado pelo magistrado, Matthäus Zell, um clérigo da cidade que simpatizava com Lutero, havia pregado novas perspectivas na catedral e explicado detalhadamente a Carta de Paulo aos Romanos. Ele se

associara, como cônego da Igreja de São Tomás, em Estrasburgo, a seu compatriota alsaciano Capito — um homem tímido, mas um grande estudioso de hebraico que também estava fascinado com Lutero.

Essa era a situação e o estado de transição quando Bucer chegou. Capito tinha afinidade com Bucer, mas, acanhado por natureza, praticamente não fazia nada em favor dele. O vigário episcopal negou a permissão para Bucer pregar por ele ter se casado. Por sua vez, o magistrado o via com desconfiança por causa de sua relação anterior com o impetuoso Cavaleiro de Sickingen. No entanto, as pessoas comuns de Estrasburgo ficaram do lado de Bucer; e, a pedido delas, ele pôde apresentar, na casa de Matthäus Zell, um curso sobre as Cartas Pastorais. Uma vez que algumas pessoas haviam solicitado que apresentasse sua fé e a explicasse, Bucer escreveu um resumo do que pregaria[11] e o publicou com o título um tanto longo de Das ym selbs niemãt/sonder anderen leben soll. vnd wie der mensch dahyn kummen mög.[12] Sentimo-nos justificados em abreviá-lo e mudá-lo para Instrução no amor cristão — 1523.

No ano seguinte, 1524, após a Reforma ter sido instituída oficialmente em Estrasburgo, Bucer se tornou pastor, primeiro da Igreja de Santa Aurélia e depois, em 1529, da Igreja de São Tomás; e foi durante cerca de 20 anos a alma vivificadora da Igreja Evangélica de Estrasburgo. Sua atitude generosa, natureza conciliatória e disposição gentil lhe causaram muitos sofrimentos.

A primeira luta de Bucer foi com os anabatistas. Eles enfatizavam a atuação do Espírito além dos limites bíblicos e desejavam formar uma congregação de homens perfeitos, enquanto Bucer acreditava que a igreja deveria acolher as massas e ministrar especialmente a pecadores. No entanto, durante essa controvérsia com os anabatistas, Bucer absorveu e transmitiu de modo permanente à Igreja Reformada o conceito do papel crucial do Espírito Santo.[13]

Mais uma luta de Bucer foi a questão da ceia do Senhor, que separou Lutero e Zuínglio e dividiu o protestantismo primitivo. Bucer, que afirmava a presença real e mística de Cristo na eucaristia e almejava a união dos protestantes suíços e alemães, buscou e afirmou uma posição mediadora. Mas foi mal compreendido, não teve êxito e até mesmo foi condenado publicamente por ambos os grupos. No entanto, Bucer foi o genuíno apóstolo da unidade protestante.[14]

Fatos políticos lamentáveis tornaram vã e inútil a obra da vida de Bucer no Velho Continente. Quando as forças protestantes e católicas aceitaram uma

trégua entre elas, o famoso Interim de Augsburgo, em 1548, que aguardava uma solução final da questão religiosa, Estrasburgo acabou ficando em uma posição desfavorável. Em vez de aceitar o Interim, ou regime provisório, que deveria restabelecer o catolicismo na cidade, Bucer partiu para a Inglaterra. Ele foi chamado para lá pelo arcebispo Cranmer, em 1549. E, em 28 de fevereiro de 1551, exilado e pobre, morreu em Cambridge. Mas até mesmo seu pobre corpo não descansaria em paz. Quando a rainha Maria reintroduziu o romanismo na Inglaterra, os restos mortais de Bucer foram desenterrados, queimados na fogueira e suas cinzas foram espalhadas, em 1556.[15]

Contudo, Bucer continua vivo. Suas numerosas obras sobrevivem e podem ter um futuro. Pois, em primeiro lugar, as Exposições bíblicas e tratados cristãos de Bucer merecem um estudo atento por causa da sua mediação das posições e tendências diferentes no protestantismo. Em segundo lugar, Bucer foi e pode se tornar mais uma vez uma ligação entre o protestantismo anglo-saxão e o europeu. Como pensador, cristão e professor de Cambridge, Bucer de fato teve grande influência sobre a Bíblia em inglês, o Segundo Livro de Oração e a pessoa do rei Eduardo VI, para quem Bucer escreveu sua última grande obra sobre o Reino de Cristo — De regno Christi, de 1551. Ali ele apresenta o ideal de uma nação formada pelo espírito cristão, que deve influenciar e desenvolver todos os numerosos aspectos da natureza e da sociedade humanas. Em terceiro e último lugar, a natureza social do pensamento e da atividade de Bucer merece ser conhecida, valorizada e usada na nossa reconstrução contemporânea da visão protestante da vida.

A visão de Lutero era essencialmente religiosa, mas na sua primeira fase ela estava conectada com ideais de renovação social[16] e de justiça econômica.[17] No início, ele simpatizava com os desprivilegiados e os oprimidos; contudo, na ocasião da Revolta dos Camponeses, sua atitude mudou. Bucer não partiu de extremos. Seu pensamento social é moderado, estável e procede de uma experiência profunda do Cristo vivo e de uma percepção vívida da realidade da igreja. Para Bucer, a igreja é de fato o corpo de Cristo na terra — aquele aspecto do reino de Deus que no presente é real e visível neste mundo.[18] A igreja é o único lugar em que os homens podem se tornar cientes da sua eleição e se apegar à libertação que Deus oferece em Jesus Cristo.[19] A questão eterna: “A autoridade das Escrituras procede da igreja ou a autoridade da igreja procede das Escrituras?” não fazia sentido para Bucer. Ele considerava a origem de ambas as autoridades o Cristo vivo. Seu Espírito administra as Escrituras e dita os preceitos da igreja.[20] Os cristãos, como partes do corpo de Cristo, participam do

todo. Eles compartilham do mesmo espírito, da mesma vocação e da mesma esperança.[21]

Se algumas pessoas acham que o protestantismo enfa- tiza o heroísmo da fé e negligencia o dom sobrenatural da caridade ou do amor cristão, este tratado de Bucer mostra que não era isso que ocorria entre os primeiros reformadores protestantes do cristianismo.

O leitor desta Instrução no amor cristão, que é a primeira obra publicada de Bucer,[22] encontrará aqui o interesse social mais antigo do protestantismo e será apresentado à caridade cristã totalmente abrangente de Martin Bucer. Seu ministério na realidade era caracterizado não apenas por um senso prático, mas acima de tudo por um amor ardente pelos seus irmãos, o qual fazia Bucer buscar tudo que une e, em nome de nosso Senhor, receber na igreja qualquer pessoa que busca a Cristo com um coração sincero.[23] Em nenhuma outra associação humana há tanta solidariedade quanto na igreja de Cristo, pois ele nos libertou de nós mesmos e nos reuniu como seu próprio corpo para podermos ajudar uns aos outros e cooperar para o crescimento do corpo de Cristo nesta terra.[24]

E agora, quatrocentos anos após sua morte, que Bucer continue nos lembrando que o próprio Deus, por meio de suas Escrituras, dita ao estado certos deveres para com o reino de Cristo[25] e nos chama para trabalhar e orar para que Cristo de fato possa estabelecer seu reino entre nós, nos conduzir à vida eterna e reinar sobre nós até o fim do mundo.[26]

O tradutor deseja expressar sua gratidão a Henri Strohl, deão de Estrasburgo, pelo seu texto[27] e encorajamentos em vida, a Mary Virginia, da John Knox Press, ao professor Ernest Trice Thompson, do Union Theological Seminary em Richmond, Virgínia, e a J. McDowell Richards, presidente [diretor] do Columbia Theological Seminary em Decatur, Geórgia, por dedicarem seus melhores esforços à publicação deste precioso volume de Bucer.

Paul Traugott Fuhrmann

28 de fevereiro de 1951

[1]Foram consultados, bem como outras obras encontradas nas notas a seguir, J. W. Baum, Capito und Butzer (Elberfeld, 1860); A. Courvoisier, Bucer, in: F. Lichtenberger, org., Encyclopédie des sciences religieuses (Paris, 1877), vol. 2, p. 458-9; C. Crivelli, Bucero, in: Enciclopedia Cattolica (Vatican City, 1949), vol. 3, cols. 166-7; Schenkel, Bucer, in: Herzog, org., Real-Encyklopädie (Stuttgart e Hamburg, 1854), vol. 2, p. 412-23.

[2]Dominus et magister noster Jesus Christus, dicendo: Poenitentiam agite etc. omnem vitam fidelium poenitentiam esse voluit. Quod verbum de poenitentia sacramentali, id est confessionis et satisfactionis, quae sacerdotum ministerio celebratur, non potest intelligi — são as primeiras duas das 95 teses de Lutero, 1517, D. Martini Lutheri OPERA LATINA varii argumenti (Frankfurt e Erlangen, 1865), vol. 1, p. 285; Luther's Works (Philadelphia, 1943), vol. 1, p. 29. Veja Henry E. Jacobs, Martin Luther (New York e London, 1898), p. 72; Félix Kuhn, Luther: sa vie et son oeuvre (Paris, 1883), vol. 1, p. 211, nota 236, 265. Veja tb. a nota 54 da segunda parte.

[3]Cf. Edgar M. Carlson, The reinterpretation of Luther (Philadelphia, 1948).

[4]Amor Dei non invenit, sed creat suum diligibile, amor hominis fit a suo diligibili, D. M. Lutheri, op. cit., p. 403.

[5]Et iste amor crucis ex cruce natus, qui illuc sese transfert, non ubi invenit bonum, quo fruatur, sed ubi bonum conferat malo et egeno, D. M. Lutheri, op. cit., p. 404.

[6]H. Strohl, Bucer, humaniste chrétien (Paris, 1939), p. 6, 26; H. Strohl (org. e trad.), in: Martin Bucer, Traité de l'amour du prochain (Paris, 1949), p. 6-7, 41, n. 8.

[7]Simul peccator et iustus; peccator re vera, sed iustus ex reputatione et prommissione dei certa [...] Ac per hoc sanus perfecte est in spe, in re autem peccator, sed initium habens iustitiae, ut amplius querat semper, semper iniustum se sciens, Luthers Vorlesung über den Römerbrief: 1515-1516, edição de Johannes Ficker (Leipzig, 1908), vol. 2, p. 108.

[8]Ibidem, p. 266-7. Lutero também usa expressões mais longas, como semper partim peccatores, partim iusti, i.e. semper penitentes, ibidem, p. 267. Veja tb. a nota 2 da Introdução e a 54 da segunda parte.

[9]Em Felix Kuhn, Luther: sa vie et son oeuvre (Paris, 1883), vol. 1, p. 233; Johann Wilhelm Baum, Capito und Butzer (Elberfeld, 1860), p. 96-7; e Luther's correspondence and other contemporary letters, tradução e edição de Preserved Smith (Philadelphia, 1913), vol. 1 (1507-1521), p. 80-2.

[10]Gustav Anrich, Martin Bucer (Strassburg, 1914), p. 18, citado por J. Courvoisier, La notion d'église chez Bucer dans son développement historique (Paris, 1933), p. 3-4. Este último livro é muito mais abrangente do que seu título sugere, sendo na realidade sobre o pensamento geral de Bucer.

[11]H. Strohl na sua edição de Bucer, Traité, p. 5.

[12]Literalmente: Que ninguém deve viver para si mesmo, mas para os outros, e como o homem pode alcançar isso (isto é, alcançar esse ideal). Na sua edição

desse tratado, nota na página 7, o deão Strohl sugere que esse título talvez tenha sido inspirado pelo parágrafo final da obra de Lutero Da liberdade cristã, que diz: Ausz dem allen folget der beschluss / das eyn Christen mensch lebt nit ynn yhm selb/sondern ynn Christo vñ seynem nehstenn / ynn Christo durch den glauben / ym nehsten/durch die liebe: “A conclusão de tudo isso é que um cristão vive não em si mesmo, mas em Cristo e em seu próximo: em Cristo pela fé, e em seu próximo pelo amor” (Otto Clemen, org., Luther’s Werke in Auswahl [Bonn, 1912], vol. 2, p. 27; Luther’s Works [Philadelphia, 1943], vol. 2, p. 342).

[13]J. Courvoisier, op. cit., p. 8.

[14]John T. McNeill, Unitive Protestantism: a study in our religious resources (New York, 1930), p. 21, 56, 77-8, 109, 137, 146, 149-62, 164-8, 175, 180-5, 195-6, 228, 238, 244, 254.

[15]Constantin Hopf, Martin Bucer and the English Reformation (Oxford, 1946), e informação adicional na resenha da obra feita pelo deão Strohl em Revue d’Histoire et de Philosophie Religieuses, 1950, n. 2, p. 141-5.

[16]Os primeiros sermões de Lutero (cf., p. ex., Opera Latina varii argumenti, vol. 1, p. 25-226) têm um elemento social, em especial os que tratam da ceia do Senhor.

[17]Cf. seu catecismo elementar de 1520, o kurze Form: lch glaub das in diszer gemeyne odder Christenheit/ alie ding gemeyn seynd / vund eyns yglichen güter des andern eygen / vnd niemant ichts eygen sey, Luther’s Werke in Auswahl, organização de Otto Clemen (Bonn, 1912), vol. 2, p. 51. Luther’s Works (Philadelphia, 1943), vol. 2, p. 273. (Na época da Reforma, o uso da letra maiúscula e a grafia eram irregulares. O latim de Lutero às vezes apresenta e em vez de ae e i em vez de j.)

[18]Bucer, Expositions of St. Paul's Letters (1536), vol. 1: ad Romanos, p. 19, citado por J. Courvoisier, op. cit., p. 94; veja também p. 56, 69. J. Courvoisier também publicou trechos de Une traduction française du Commentaire de Bucer sur l'Évangile selon saint Matthieu (1540) com respeito à Lei, aos dias santos, aos sacramentos e à igreja (Paris, 1933).

[19]Bucer, De regno Christi, tradução para o francês (Geneva, 1558), p. 47, in: J. Courvoisier, La notion d'église chez Bucer, p. 121 [publicado em português por Fonte Editorial sob o título O reino de Cristo].

[20]J. Courvoisier, op. cit., p. 92.

[21]Ibidem, p. 98.

[22]Segundo uma anotação do secretário de Bucer (Conrad Hubert) na página de rosto da cópia preservada na Faculdade de Teologia de Estrasburgo, cujo fac-símile está em Traité, p. 14. Cf. também H. Strohl, ibidem, p. 5, e J. W. Baum, op. cit., p. 589.

[23]J. Courvoisier, op. cit., p. 80.

[24]Bucer, ad Romanos, p. 462, citado por J. Courvoisier, op. cit., p. 87.

[25]Bucer, Grund und Ursach, 1524, O III b; De regno Christi, tradução para o

francês (Geneva, 1558), p. 189, in: J. Courvoísíer, op. cit., p. 131.

[26]Bucer, Von der wahren Seelsorge, 1538, c X IIII b, in: J. Courvoisier, op. cit., p. 115.

[27]Martin Bucer, Traité de l’amour du prochain, traduction, introduction et notes par Henri Strohl (Paris, 1949). Este tradutor deseja agradecer ao deão Strohl pelas suas quatro publicações [1922-1934] sobre Lutero, que foram seu encorajamento inicial para estudar os reformadores.

PREFÁCIO DE MARTIN BUCER

Martin Bucer aos seus leitores.[1]

Que Deus nosso Pai e nosso Senhor Jesus Cristo lhes dê graça[2] e paz.[3] Mediante nosso Senhor Jesus Cristo agradeço e louvo imensamente a Deus, nosso Pai, por ter despertado em vocês de tal modo o amor e o desejo[4] pela sua palavra que agora vocês diligentemente a buscam e pedem por ela. De fato, recebemos a justiça e a salvação[5] pela palavra que desperta a fé.[6] Portanto, Paulo acertadamente chama a palavra de "o poder[7] para a salvação[8] de todo aquele que nela crê" (Rm 1.16). Uma vez que a ouvem com tanta avidez e a investigam com tanta seriedade, vocês certamente procedem de Deus (Jo 8.47) e constituem uma verdadeira assembleia de Cristo. Pois, assim como uma cidade que ouve a palavra do imperador e obedece às suas ordens pertence ao império, assim o reino de Cristo[9] e a verdadeira igreja[10] estão certamente onde a palavra de Cristo é ouvida com tanta satisfação[11] e observada com tanto afinco (Is 55.11). Uma vez que a palavra de Deus não pode voltar a ele vazia, mas[12] precisa sempre capturar alguns, ela não falhará entre vocês. A razão[13] de eu lhes escrever na medida da graça concedida a mim e de lhes apresentar minha orientação resultante da nossa obrigação mútua é que alguns de vocês, meus queridos irmãos e concidadãos, não satisfeitos com minhas preleções incompletas,[14] pediram que eu escrevesse este pequeno ensaio. E, assim, de acordo com as Escrituras, exorto cada um de vocês a não viver para si mesmo, mas para seu próximo.[15] Depois mostrarei como alcançar esse ideal,[16] pois ele pode ser realizado neste mundo e nesta vida. Uma vez que o reino de Deus consiste não em palavras, mas em poder, que o Pai de toda graça permita por meio de nosso Salvador,[17] Jesus Cristo, que esse estado perfeito não seja uma questão de meras palavras entre nós. Que o Pai também faça com que vocês não parem nessas e noutras sugestões apenas humanas, mas se dediquem às Escrituras divinas e, como ovelhas leais ao seu único e verdadeiro Pastor, Jesus, ouçam a sua voz para, assim, poderem progredir na fé, serem aperfeiçoados em todo o amor, viverem não para si mesmos, mas para seu próximo, e, por meio de seu próximo, para Cristo,[18] e, por meio de Cristo, para o Pai todo-poderoso. Louvem e glorifiquem a ele por toda a eternidade. Amém.

Estrasburgo, agosto de 1523.

---

[1]Literalmente “ouvintes”.

[2]Gnad de nah, “próximo”, como o latim propitius de prope, “próximo”. Os alemães antigos diziam die Sonne geht zu Gnaden, significando “o sol se põe ou se aproxima do horizonte”. Assim, Gnaden originariamente significava “aproximar-se descendendo”, isto é, literalmente “condescendência”. Depois passou a significar “favor mostrado a um inferior”. Em 1523, a grafia e o uso da letra maiúscula não eram consistentes nem uniformes.

[3]Alemão: frid. “A língua hebraica tem essa característica; enquanto o latim dizia Valere, bene habere, o hebraico diz ‘ter paz’. Portanto, a saudação no evangelho está no estilo hebraico: Pax vobis, a paz esteja convosco” — Lutero, Exposição do salmo 37 (Wittenberg, 1521) sobre o versículo 37. E Espinoza dirá: “A paz não é a ausência de guerra, mas uma virtude que brota da força da alma”.

[4]Alemão: begyrd (ou o verbo begehren) é mais forte do que apenas wunsch ou wünschen, pois implica um esforço sério. O termo está relacionado ao inglês antigo giernan, “ansiar”.

[5]Alemão: heil (cf. o inglês antigo hale, “robusto”, “vigoroso”, especialmente na velhice). O termo literalmente significa “saúde” (cf. o inglês whole). Veja tb. a nota 17 sobre heyland.

[6]Literalmente “a palavra e a fé”.

[7]Kraft significa “poder” no sentido de eficácia, eficiência. Um remédio pode ter Stärke, ou ser forte, e ainda assim não ter Kraft, “eficácia”. Veja tb. na primeira parte as notas 19, sobre Macht, e 95, sobre Gewalt, para significados diferentes de “poder”.

[8]Alemão: heil. Veja a nota 5.

[9]No pensamento de Bucer, das Reich Christi é uma realidade. Literalmente Reich, do verbo reichen, “estender”, refere-se à extensão de território e poder. Veja a nota 10.

[10]Alemão: kirch, “igreja”. A palavra foi primeiramente cunhada no gótico e então absorvida no idioma alemão, no qual existe até hoje. Para Bucer, a igreja não é apenas o corpo de Cristo, mas também o cerne do reino de Cristo e o centro de irradiação da influência de Cristo neste mundo.

[11]Alemão: lust, “prazer”, “desejo”. A palavra do inglês lust chegou a significar a mesma coisa. Lust e list têm relação e já foram a mesma palavra. Listless [em inglês] ainda significa “sem prazer ou desejo”.

[12]O alemão sonder (“mas”) era originariamente um verbo, como o inglês to sunder. Assinala uma antítese ou um contraste de maneira muito contundente.

[13]Alemão: ursach, “causa”. Literalmente, ur significa “original”; então, a palavra seria algo como ur — “coisa” (sache) e, portanto, é um modo apropriado de designar uma causa.

[14]Sobre as Epístolas Pastorais, as quais expôs na casa de Matthäus Zell.

[15]Alemão: nechsten. Nechste, “próximo”, é simplesmente o superlativo de nah, “perto”. O leitor notará que Bucer com grande frequência usa o singular (próximo). O amor cristão (dom sobrenatural de Deus pelo Espírito Santo) não se dirige sentimentalmente a massas anônimas, mas foca o nosso próximo individual e definido.

[16]Alemão: stand der volkummenheit, “estado de perfeição”.

[17]Alemão: heyland. Um particípio do alemão antigo heilan, o moderno heilen, “curar”. Para uma outra palavra que significa “salvador”, veja tb. a nota 23 da segunda parte sobre erloeser.

[18]Uma alusão a Mateus 25.31-46, segundo H. Strohl, em Traité, p. 9, nota 1. Bucer se refere a essa passagem na página 84 e a cita duas vezes em um outro tratado, Summary seiner Predig (também de 1523), p. 63 e 71, e em quase todos os seus escritos. Também Lutero (na sua exposição de Lucas 16.23-24) e Farel (em sua obra Summaire, de 1525) falaram a respeito e gostavam imensamente dessa cena apocalíptica grandiosa, que é simplesmente a contraparte das Bem-Aventuranças. Aqui no fim (como indicado pela passagem de Mateus) há uma demonstração da realização das promessas de Jesus. Os homens obscuros, a quem Jesus se dirigiu e que o seguiram na história, cercam aqui o Filho do Homem em glória e em juízo e são recebidos no reino de Deus. Observe o substantivo singular (próximo) no texto de Bucer (veja a nota 15).

PRIMEIRA PARTE

TODO HOMEM DEVE VIVER NÃO PARA SI MESMO, MAS PARA OS OUTROS

• • •

Deus criou todas as coisas [1] de acordo com sua vontade e seu propósito (Pv 16.4). Portanto, todas as coisas devem se dirigir a Deus e estar à disposição e a serviço dele. [2] Qualquer coisa feita é de fato concebida para ser útil àquele que a fez. No entanto, um vaso não pode por si mesmo ajudar o oleiro a entender e a falar. Desse modo, assim como objetos que o homem fabrica não podem ajudá-lo a ser homem — isto é, a exercer seu pensamento e sua fala —, assim todas as criaturas, desprovidas de uma natureza [3] comparável à de Deus, não podem ajudar seu Criador nas coisas divinas. Nada pode ajudar Deus a ser Deus. Nada pode impedi-lo de agir como Deus. Tampouco, em um nível humano, pode o tonel favorecer o entendimento e aperfeiçoar a linguagem de um fabricante de tonéis. [4] No entanto, em um nível inferior, [5] produtos materiais como o alimento — que não é exclusivamente uma necessidade humana, [6] pois os animais também compartilham dessa necessidade — podem ser úteis e até mesmo proveitosos para seus produtores se estes se unirem e conjugarem as habilidades e capacidades de todos por meio da troca dos produtos de suas mãos. Dessa maneira, o oleiro vende seu vaso, e o toneleiro, seu tonel; e, assim, cada um pode comprar seu pão do padeiro e sua carne do açougueiro. Portanto, a comunhão [7] realmente pode tornar as coisas materiais proveitosas para o homem.

Deus, no entanto, não precisa dos serviços do homem, pois nele mesmo e por si mesmo ele tem e é tudo. Sendo todo-poderoso, ele não tem a menor necessidade do homem. Ele nem precisa nem pede que o homem ajude seu ser divino,[8] que está além do conhecimento e compreensão humanos. O objetivo de Deus ao criar a nós e todas as criaturas foi tornar sua bondade conhecida.[9] Seu desejo foi que todas as coisas existentes pela sua bondade a reconhecessem[10] e se regozijassem nela. Essa é a razão de nós, suas criaturas, podermos e devermos estar a serviço dele na administração[11] da sua bondade. Isto é, toda criatura, com seus dons e dádivas divinos, deve servir a todas as outras tendo em vista o bem de todas as criaturas, para que este louvor a Deus ressoe por tudo: “O SENHOR é bom em todas as coisas, e sua generosidade[12] está sobre todas as suas obras” (Sl 145.9).[13] — E, assim, como esse mesmo salmo diz, “demonstraremos a celebração da sua grande bondade e proclamaremos com alegria sua justiça” (v. 7).

Todas as criaturas permanecem nessa ordem[14] divina das coisas — exceto

Satanás e o homem.[15] Todas as outras criaturas existem, de fato, não para si mesmas. Com tudo que são, têm e podem fazer, elas servem a Deus ao fazer o bem a todas as outras criaturas de acordo com sua natureza e ordem. O céu se move e brilha não para si mesmo, mas para todas as outras criaturas. Do mesmo modo, a terra produz não para si mesma, mas para todas as outras coisas criadas. Semelhantemente, todas as plantas e todos os animais, pelo que são, têm, podem fazer e de fato fazem, dirigem-se ao que é útil e proveitoso para outras criaturas e, em especial, para o homem. Pois, quando Deus abençoou[16] o primeiro casal humano, ele disse ao homem: "Frutificai e multiplicai-vos; enchei a terra, sujeitai-a, dominai sobre os peixes do mar, sobre as aves do céu e sobre todos os animais que rastejam sobre a terra". E Deus disse: "Eis que vos dei todas as ervas que dão semente na terra, bem como todas as árvores que produzem por si mesmas seu próprio tipo de semente, para fornecerem alimento a vós e a todos os animais na terra, todas as aves do céu e todo ser na terra que se move e tem uma alma vivente". E assim foi (Gn 1.28-30).

Essas são as palavras de Deus. Por mais estranhas que nos aparentem ser, elas precisam ser verdadeiras.[17] A palavra de Deus consiste não apenas em sons como as nossas, mas também em atos. Ele falou e todas as coisas foram criadas (Sl 148.5). Deus abençoou o homem e lhe disse: "Frutificai e multiplicai-vos". Deus não apenas falou, mas com suas palavras deu ao homem a eficiência[18] e o poder[19] para frutificar, até mesmo a necessidade disso, caso o homem não deseje ir contra a natureza. Como isso não bastou para produzir o bem, o mesmo Deus e criador da natureza concedeu ao homem mais uma liberdade. Isto é, Deus certamente deu ao homem o entendimento, a habilidade e o poder[20] para dominar sobre todas as outras criaturas na terra, na água e no ar e para empregá-las para sua própria conveniência e bem. Após a bênção[21] de Deus, está escrito: "Portanto, tudo foi assim" (Gn 2.1). Com a finalidade de assegurar ainda mais a submissão de todas as criaturas ao homem, Deus reuniu todos os animais e aves diante do homem e deixou que ele os nomeasse. E o nome dado pelo homem a cada um deles de fato se tornou seu nome.

Tudo isso deixa claro que todas as outras criaturas deveriam ser subservientes ao uso do homem. Em troca, o homem deveria servir a todas as outras criaturas usando-as do modo ordenado por Deus. Usar cada coisa com o propósito que Deus teve em mente ao criá-la não apenas é honrável e piedoso,[22] mas também confere honra e benefício[23] à própria coisa. Exemplos disso são trajar vestimenta adequada, comer pão, beber vinho, receber uma esposa para dar à luz filhos, colocar um homem sábio no conselho e assim, semelhantemente, todas as outras

coisas. No entanto, Deus demonstrou que há um serviço maior do que todos os serviços que o homem precisa prestar a todas as outras criaturas pelo bom uso delas: Deus criou para o homem um ser semelhante ao homem e plantou nesse ser o amor pelo homem, com uma vontade de servi-lo e lhe fazer o bem. Nesse grau, Deus quis que sua criação e criaturas fossem boas e servissem não a si mesmas, mas umas às outras. Então disse também Deus: “Não é bom que o homem esteja só; eu lhe farei uma ajudadora semelhante a ele” (Gn 2.18). Antes, no primeiro capítulo, em que Deus atribuiu a todas as criaturas seus serviços ao homem, está dito que Deus examinou tudo que havia criado, e tudo era muito bom. Sem contradição, o sentido dessa passagem é que todas as coisas estejam voltadas umas às outras; todas as coisas fora do homem estão sujeitas ao homem para poderem ser úteis a ele. Por sua vez, o homem domina sobre todas as coisas para o próprio bem e utilidade delas. Sendo assim, todas as coisas na sua respectiva ordem são inteiramente muito boas.[24] O fato é que as Escrituras chamam de bom apenas o que faz bem para os outros, como uma árvore boa que produz bons frutos. Sendo mais exato, Deus efetua tudo nas suas criaturas e opera o bem por meio delas. Apenas Deus faz bem a todas as coisas. Todas as outras coisas fora dele recebem mais bem do que proporcionam. Por isso, Cristo pôde dizer ao homem que o chamou de bom mestre: “Por que me chamas de bom? Apenas Deus é bom” (Mt 19.17).

Em virtude da ordem mencionada, todas as coisas eram muito boas. As criaturas inferiores eram subservientes ao homem; o homem as usava como deveria, isto é, dominava-as de acordo com as decisões e a vontade de Deus; as criaturas eram tão voltadas umas às outras que eram mutuamente úteis e estavam fazendo bem umas às outras. Assim, Deus operou sua bondade por meio delas. Uma vez que o homem foi concebido para viver de acordo com a imagem divina, ele também precisava ter um entendimento de coisas espirituais e amor por essas coisas, como os anjos e Deus. Logo, Deus disse: “Não é bom que o homem esteja só, isto é, que ele não tenha seu semelhante. Sob todos os outros aspectos, todas as coisas são muito boas, pois todas elas podem ser úteis para o homem e lhe fazer bem, e ele também pode fazer bem a elas. Mas o benefício[25] que o homem traz a outras criaturas, no seu uso correto delas, ainda se limita a ser inteiramente corpóreo, isto é, está no nível mais baixo das coisas físicas. Agora ele deve ser formado para que também possa efetuar um serviço espiritual. As outras criaturas, por serem apenas corpo, não podem efetuar esse serviço espiritual. Meus anjos não precisam de nada. O homem, por sua vez, não pode nos alcançar. Portanto, criaremos um outro ser como o homem para que, assim como nós, Deus Pai, Filho e Espírito Santo, que compartilham do nosso ser[26] e

bondade divinas, assim como os anjos que têm companheiros[27] que compartilham de uma mesma natureza e bondade recíproca, assim o homem também possa ter seu semelhante, a quem deverá servir tanto em coisas espirituais quanto em materiais e ajudar tanto no nível espiritual quanto no físico, nos quais o homem existe simultaneamente".

Assim, para o homem poder prestar esse serviço duplo de um modo completo, Deus criou para Adão uma companheira, uma ajudadora semelhante ao homem. Antes disso, Adão tinha muitos ajudadores, mas não tinha nenhum como ele. E Deus plantou em Adão um amor tão grande, um anseio[28] tão forte por fazer bem à sua companheira que, quando o Senhor lhe trouxe sua esposa recém-criada, Adão disse: "Esta é agora osso dos meus ossos e carne da minha carne. Ela será chamada varoa,[29] porquanto do varão foi tomada. Portanto, o homem deixará seu pai e sua mãe e se unirá à sua mulher, e eles serão como uma só carne" (Gn 2.23). Do mesmo modo, ao conceder ao homem a capacidade de gerar frutos, seres da mesma natureza, e multiplicar filhos semelhantes a ele, Deus deu ao homem mais uma razão[30] de exercer sua bondade a outros. De fato, os pais sempre amam seus filhos como sua própria carne e seu sangue, e tendem de todos os modos possíveis a beneficiá-los[31] tanto na alma quanto no corpo. De novo, semelhantes afeição e desejo[32] de fazer o bem são plantados nos filhos em relação a seus pais; e, por ter sido criada para ajudá-lo, na mulher em relação ao marido. Se o pecado não tivesse corrompido a natureza, esse amor implantado de uns pelos outros nunca teria exibido nenhuma deficiência, tanto em questões espirituais quanto em físicas. Sem o impedimento do pecado, o homem teria vivido sem lei,[33] mas de acordo com a lei[34] de Deus, em um serviço amistoso[35] de um ao outro.

Contudo, aconteceu o mesmo que aconteceu com os anjos maus.[36] Eles haviam sido criados para estarem a serviço do seu companheiro,[37] o homem, e, porconsequência, de todas as criaturas. Hebreus 1.14 afirma de fato que todos eles eram espíritos subservientes destinados a servir àqueles que herdarão a bem-aventurança.[38] Mas eles se tornaram transgressores, totalmente inclinados a causar dano[39] ao homem e decididos a destruir[40] todas as criaturas; portanto, também não recebem mais os serviços de outras criaturas. Como no caso dos perdidos (Sb 5.13), aqueles que o próprio Deus abandonou recebem a oposição de todas as criaturas. Isso também aconteceu com o homem quando se afastou de Deus. Assim, o homem se tornou egoísta. Ele serve apenas a si mesmo e busca somente seu próprio interesse. Agora o homem não apenas não obtém o que busca, mas ele se privou e se priva diariamente de todos os benefícios e prazeres

que poderia e deveria receber de todas as criaturas. Pois, assim como Deus lida com homens perversos de acordo com sua perversidade (Sl 18.27), assim também todas as outras criaturas se voltam com Deus contra o perverso. Segundo sua natureza, Deus demonstra sua bondade de modo abundante e deseja fazer todo homem alcançar a bem-aventurança[41] (1Tm 2.4). Contudo, se os homens se afastam de Deus, ele precisa castigá-los e condená-los; e todas as criaturas ajudam seu Criador nisso. Pois, assim como é certo que todas as coisas contribuem para o bem daqueles que amam a Deus (Rm 8.28), assim é totalmente certo que todas as coisas contribuem para a ruína daqueles que não amam a Deus. Daí as palavras de Paulo: “Tudo é puro para os puros, nada é puro para os incrédulos, mas tanto a mente quanto a consciência deles são impuras” (Tt 1.15).

Por isso, não é de admirar que nosso senhorio sobre todos os animais seja tão frágil e saibamos tão pouco como usar as plantas da terra e outras criações de Deus para obtermos remédios e outros propósitos. Hoje, muitas pessoas pagam valores elevados por certo ruibarbo e outras plantas estranhas que lhes trazem pouca ajuda, enquanto poderiam sem nenhum custo ou complicação achar alívio em um amontoado de repolho — se conhecessem seu benefício.

Com a perda do conhecimento de Deus, também perdemos o conhecimento das criaturas. Uma vez que não mais desejamos viver para servir a Deus, suas criaturas foram excluídas de modo justo do nosso serviço. Se ignoramos o Criador, é justo sermos privados também do criado. O que fizemos foi seguir Satanás[42] e desprezar a Deus (Rm 1.28ss.). Dessa maneira, nossa mente inteira foi tão corrompida que não pode mais ser útil para ninguém, mas se tornou tão universalmente danosa[43] que nos tornamos merecedores da condenação eterna (Rm 1.28-32).

Assim, a criação inteira, que deveria ter sido usada apenas para o louvor e a glória do seu Criador e para a preservação[44] e o benefício[45] dos homens, foi desonrada, profanada e depravada pelo nosso uso distorcido e diabólico e nossa busca dos próprios interesses. O máximo que podem, os ímpios usam a criação para a destruição de si mesmos e de outros, assim insultando e desonrando a Deus. Por isso, a criação lamenta e vive ansiosa com todos os piedosos, a quem os ímpios, que enchem o mundo, agora maltratam e de quem igualmente abusam. Sujeita à vaidade contra sua vontade, a criação inteira aguarda desse modo ansiosamente e espera a manifestação final dos filhos de Deus (Rm 8.19-22). Uma vez que os homens sem fé estão vazios de Deus, e apenas ele é bom,

eles são vazios de todo o bem e não passam de pura futilidade, usando todas as coisas para uma futilidade que é ela mesma fútil. As criaturas inferiores continuam sujeitas a eles de modo constante porque Deus estabeleceu o domínio do homem sobre elas. No entanto, quando vier a revelação dos filhos de Deus — que só ocorrerá no último dia —, então nos manifestaremos com Cristo em glória (Cl 3.4) e seremos como ele (1Jo 3.2). Nessa ocasião, todas as criaturas também serão libertas (segundo Paulo) da necessidade de servir à existência corrupta, para compartilharem da liberdade gloriosa dos filhos de Deus (Rm 8.21). A criação inteira contribuirá novamente para o bem e a bem-aventurança[46] do homem; e o homem terá domínio sobre a natureza, usando-a para a glória de Deus; e Deus será tudo em todos (1Co 15.28). Quando o criado for reestabelecido na sua ordem originária, quando todas as criaturas se voltarem umas às outras para sua utilidade, prazer e bem-aventurança, então Deus, com seus eleitos (os condenados não terão parte nisso),[47] de novo olhará de modo favorável para suas criaturas, sua criação inteira, que, como no princípio, será muito boa. Daí em diante, a obra eterna das criaturas e dos eleitos[48] será manter ativa, pelos seus louvores, a celebração da grande bondade e justiça de Deus (Sl 145.7).

Tudo isso deixa claro que ninguém deve viver para si mesmo, pois Deus criou todas as coisas[49] para poderem contribuir não para seu próprio bem, mas, sim, o bem de outros, e para poderem ser instrumento e evidência[50] da bondade divina, que todas as coisas devem expressar e espalhar. O Senhor Deus estabeleceu essa ordem das coisas no ato da Criação. Deus a restabelecerá na renovação do mundo,[51] quando eliminará completamente o pecado, que destruiu a ordem primitiva, e restabelecerá seu reino.[52] De todas as criaturas físicas, apenas o homem foi criado à imagem de Deus para poder entender e também escolher coisas espirituais e, desse modo, apreender, seguir e cumprir a vontade de Deus. Ele exige de nós que desejemos promover o benefício[53] e a salvação[54] de todos. Portanto, perante todas as criaturas, o homem deve[55] conduzir seu ser[56] de tal modo que, em todos os seus atos, busque não seu próprio bem-estar, mas apenas o bem-estar[57] de seus semelhantes e irmãos para a honra de Deus. Dessa maneira, o homem também fará um uso bom e correto de todas as outras criaturas e exercerá sobre elas um domínio bem-aventurado para o próprio bem-estar delas e a honra que lhes cabe.

Isso é mostrado claramente pelo que o Senhor diz: “Tudo o que quereis que os homens vos façam, fazei também a eles; esta é a Lei[58] e os Profetas” (Mt 7.12). Por natureza e costume, somos inclinados a desejar que todo homem nos faça o

bem e que nenhum homem nos faça o mal. Se usássemos a mesma norma na nossa relação com todos os outros homens, fazendo-lhes o bem, estabeleceríamos nossa vida naquela ordem correta para a qual apontam a Lei e os Profetas. Se fôssemos capazes disso, já seríamos perfeitos e teríamos cumprido toda a Lei. Daí as palavras de Paulo: “Todas as leis[59] seriam cumpridas em uma só lei, que é: Amarás teu próximo tanto quanto amas a ti mesmo” (Gl 5.14). Todas as pessoas sabem como todo homem ama a si mesmo. No entanto, se um homem deseja seguir a Cristo, ou seja, mudar de direção e ser restabelecido em sua condição[60] e natureza corretas, ele precisa usar todo o amor que a natureza corrupta o fez depositar sobre si mesmo e depositar todo ele sobre seu próximo.[61] Pois o amor, que é o cumprimento da Lei, busca não a si mesmo, mas sempre o benefício e o bem-estar dos outros (1Co 13.5) — sejam eles amigos ou inimigos.[62] Isso é enfatizado em todas as Escrituras, em especial João 13 e 15, Romanos 14, 1Coríntios 10 e 13, Filipenses 2 e a carta inteira de João. É apropriado que o dever do amor seja mais amplo em relação aos irmãos[63] na fé (Gálatas 6.10 e outras passagens), pois eles são receptores de benefícios espirituais, ensinos, exortações e advertências pela palavra de Deus. No entanto, o cristão não deve fazer nenhuma diferenciação entre os homens — não importa quem ou como eles sejam —, mas ter o mesmo amor e desejo de obter para cada um o bem ao qual ele é receptivo (Mt 5.43ss).

A consequência de tudo isso é que a condição que é a melhor, mais perfeita e bem-aventurada na terra é aquela em que um homem pode servir a seu próximo do modo mais útil e benéfico possível. No entanto, assim como o serviço espiritual é superior ao serviço material, e assim como a comunidade é mais importante do que indivíduos particulares, o ministério de um apóstolo é o ofício, vocação e serviço mais completo de todos. O ministério serve não a homens particulares, mas à comunidade; lida não com coisas materiais, mas com coisas espirituais, e conduz à bem-aventurança eterna. Esse ministério consiste no seguinte: que aquele a quem Deus chamou e ordenou para isso dedica-se a servir a Deus Pai e ao nosso Salvador Cristo na obra de tornar o pecador bem-aventurado. Segundo 1Timóteo 2.4, esse foi o ofício singular do nosso Senhor e Salvador[64] Jesus Cristo. Portanto, o ministro de bom grado põe em risco[65] não apenas seu corpo e sacrifica não apenas suas posses materiais, mas também sua vida espiritual e sua bem-aventurança, contanto que sua pregação da palavra divina conduza outros a um conhecimento de Deus, à bem-aventurança e, desse modo, a louvarem e a glorificarem eternamente a bondade de Deus. Moisés tinha essa disposição. Quando o povo de Israel havia pecado, ele implorou que Deus os perdoasse, e disse: “Senhor, perdoa o pecado do povo; do contrário, risca-me

do livro que escreveste" (Êx 32.32). Paulo também escreve: "Digo a verdade em Cristo Jesus e não minto, minha consciência é minha testemunha no Espírito Santo: tenho no meu coração uma grande tristeza e incessante aflição; eu mesmo desejaria ser banido de Cristo por amor de meus irmãos" (Rm 9.1-3).

Essa deveria ser a disposição de todos os papas,[66] os bispos e os líderes espirituais se desejassem ser considerados os representantes de Cristo e os sucessores dos apóstolos. Assim, Cristo não apenas deu sua alma e vida física por nós, suas pequenas ovelhas (Jo 10.11), mas também foi amaldiçoado por nós para podermos participar da bênção de Abraão (Gl 3.13-14). Ele, que não conhecia pecado, tornou-se pecado por nós para nele podermos nos tornar a justiça que é válida diante de Deus (2Co 5.21). Deus depositou sobre ele toda a nossa injustiça; e ele a carregou com alegria (Is 53.4-5). Como seria de esperar, seus verdadeiros discípulos e apóstolos o seguiram nisso. Eles não apenas suportaram todos os perigos e privações materiais para o bem dos cristãos, mas também aceitaram alegremente ser considerados pecadores, malditos e condenados, por amor de seus irmãos. Como a Epístola aos Romanos nos mostrou antes, eles desejaram experimentar essa maldição e banimento contanto que seus irmãos obti- vessem a bem-aventurança. No entanto, essa condenação é tão impossível quanto Cristo ser detido pela morte (At 2.24). Pois Deus disse a Moisés (quando este suplicou que fosse riscado do livro do Senhor se Deus não quisesse perdoar o povo de Israel): "Riscarei do meu livro aquele que peca contra mim" (Êx 32.33).

Portanto, não comete nenhum pecado aquele que ama a Deus e deseja agradá-lo a tal ponto que está disposto a perder sua própria salvação[67] para obter essa bem-aventurança para seus semelhantes. Seu caso é como o de Paulo: "nem a morte, nem a vida, nem anjos, nem domínios, nem poderes, nem coisas do presente nem do futuro, nem altura, nem profundidade, nem qualquer outra criatura podiam separá-lo do amor de Deus em Cristo Jesus, nosso Senhor" (Rm 8.38-39). Nada podia banir Paulo de Cristo. O amor de Deus em Cristo Jesus era tão grande nele que, assim como Cristo havia se entregado pelos pecados de outros, assim Paulo por sua vez — embora fosse impossível ser separado desse amor — desejava (e o desejo sincero com frequência deseja o impossível) ser banido de Cristo contanto que, desse modo, pudesse levar muitos a Deus e aumentar a glória divina.[68] Não é que Paulo desejava ser banido do amor de Cristo, mas, pelo contrário, em virtude da grandeza desse amor, ele desejava ser privado da graça e da bênção de Cristo caso elas pudessem ser transferidas para seus irmãos. Paulo, que havia aprendido a se valorizar menos do que todos os outros (Fp

2.4,17), desejava que, em vez de apenas ele, muitos outros viessem a conhecer a Cristo e a glorificar e a louvar a Deus eternamente. E isso ele chama de aquele ato de carregar os fardos dos outros que cumpre a lei de Cristo (Gl 6.2). Embora todos devêssemos praticar isso, uns para com os outros, essa conduta convém[69] de modo especial àqueles que nos conduzem em lugar dos apóstolos, aqueles que representam o ofício de Cristo, que são seus servos máximos e os encarregados dos mistérios de Deus (1Co 4.1). Portanto, Paulo escreve aos filipenses para assegurar que os que exercem esse ministério sigam o exemplo dele (Fp 3.17). Além disso, Paulo exorta diligentemente Timóteo e Tito a apresentar esse padrão aos cristãos.

Dessa maneira, com a máxima diligência, ore a Deus para que todos aqueles que reivindicam distinções apostólicas e ocupam o lugar não apenas dos apóstolos, mas também de Cristo — ou seja, nossos clérigos, bispos e líderes espirituais — não se desviem demais do exemplo de Cristo e dos apóstolos. Se eles ainda não podem obter aquela perfeição no amor que os inclinaria a sacrificar sua bem-aventurança pela dos seus semelhantes e subordinados, que eles ao menos, sem buscar benefícios pessoais indecentes e glórias vãs, transmitam-lhes[70] fielmente o evangelho e assegurem que ele lhes seja comunicado.[71] Que eles cheguem mais perto e tenham um pouco dessa disposição[72] apostólica, que a Lei, os Profetas, Cristo e todos os apóstolos apresentaram. No entanto, é Paulo que, em todas as suas epístolas e especialmente em 1Tessalonicenses 2, tem a expressão mais clara dessa disposição.[73] Não podemos negar que os clérigos, em sua maioria, como podemos lamentavelmente observar, em toda parte agora buscam seu próprio interesse e não o benefício e a bem-aventurança dos seus subordinados, a não ser quando o benefício e a bem-aventurança dos outros trazem vantagens materiais a esses clérigos e contribuem para seu prestígio. Sua conduta é bem contrária ao ofício apostólico e à disposição[74] cristã. Portanto, os clérigos caíram da sua condição mais elevada e mais digna, da função totalmente divina da qual se orgulhavam e desfrutavam.[75] E, desse modo, eles agora jazem no nível mais baixo, mais desprezível, mais diabólico, caracterizado por um estilo de vida[76] totalmente maldito e anticristão. Eles são exatamente como Satanás, que Deus chegou a exaltar acima de todos os homens e que agora é rejeitado e está perdido abaixo de todos os homens perdidos. O ofício desses clérigos exigia deles que estivessem com Cristo e, com uma pregação fiel do evangelho e sem buscar seu próprio benefício, reunissem cristãos. No instante em que começaram a relaxar, a consequência foi que, como Mateus 12.30 afirma, eles ficaram contra Cristo e espalharam. Como as presentes condições lamentavelmente demonstram, aqueles que, apenas por causa do evangelho, estão tão ricamente distraídos e

entretidos e são senhores poderosos neste mundo, não apenas não pregam o evangelho, mas fazem tudo ao seu alcance para ele não ser pregado e ouvido. Esse desejo de arrastar outros junto consigo para a condenação eterna é certamente um empreendimento satânico. Tudo isso deixa claro que no presente não há uma condição mais perigosa, mais inquietante e mais condenável do que a de eclesiásticos, papas, bispos, clérigos[77] e monges. Pois, segundo os títulos e posição que receberam, eles devem empregar toda a sua diligência na promoção do bem comum e do aperfeiçoamento espiritual, e nisso pôr em risco[78] suas posses, seu corpo, sua honra, sua felicidade, não buscando em nada seus próprios interesses. No entanto, a realidade é que não apenas deixam tudo isso de lado, mas também com tudo que fazem e não fazem, com todas as suas palavras e atos, eles são um obstáculo ao bem comum. E com toda a diligência eles almejam oprimir[79] todos aqueles eclesiásticos que pregam o evangelho com fidelidade. Portanto, tome cuidado com a classe superior de homens e com seu estilo de vida,[80] se for possível para você. E se afaste disso, se puder.

Embora seu ofício não diga respeito diretamente a coisas espirituais como a pregação da palavra de Deus, a classe que mais se aproxima do ministério é a da autoridade secular.[81] Esse ofício consiste em manter a boa ordem e a paz exterior, proteger os piedosos[82] e, pelas suas punições, impedir os impiedosos de prejudicar os piedosos. O serviço das autoridades civis é tão amplo que alcança toda a comunidade, cujo bem-estar esse serviço deve obter pela manutenção da paz e da lei comuns. Isso é muito mais do que estar a serviço de negócios particulares e homens individuais da comunidade. Depois do ofício de pastor,[83] que consiste em apresentar fielmente a palavra de Deus à comunidade, o ofício da autoridade secular,[84] ou a magistratura,[85] é a mais digna. Os homens nesse ofício público também devem negar completamente a si mesmos e não buscar nada para si. Pois o egoísmo em questões privadas impede o homem de agir de um modo responsável[86] e cristão para com seu próximo. E, sem o amor que não busca seus próprios interesses (1Co 13.5), nenhuma atividade ou ato[87] podem ser cristãos ou de boa reputação.[88] Autoridades egoístas impedem ainda mais a administração[89] honrada e cristã da comunidade inteira. Até mesmo o pagão Aristóteles[90] estabeleceu a diferença entre um bom governante e um tirano ao afirmar que o governante busca somente o bem-estar dos seus súditos, enquanto o tirano busca seu próprio bem-estar. Dessa maneira, Homero[91] queria que um rei[92] não dormisse à noite por estar preocupado com seus súditos. Homero não permitiria nem sequer um momento para o rei buscar seus próprios interesses.

Embora o serviço que as autoridades seculares devem prestar à comunidade não

consista em pregar a palavra e a lei divinas, os servidores civis de fato devem[93] governar[94] de acordo com a palavra de Deus e, na medida do poder conferido pela sua autoridade, auxiliar no êxito da palavra divina. Pois, assim como não há nenhuma autoridade[95] que não venha de Deus, e todas as autoridades[96] que existem tenham sido ordenadas por ele (Rm 13.1), assim a consequência necessária disso é que essa autoridade[97] deve ser exercida de acordo com a ordem e a vontade de Deus. Apenas desse modo essa autoridade[98] acabará obtendo o real bem-estar[99] dos seus súditos e desse modo os estimulará a reconhecer,[100] louvar e glorificar a Deus como o Senhor de todos os senhores e o Rei de todos os reis. Mas os cidadãos não são governados para seu bem e para a verdadeira glória do Rei supremo quando as autoridades[101] seculares não governam segundo a lei divina e elas mesmas não estão decididas a observá-la. Pois onde Deus não é reconhecido[102] e a obediência a ele não é exigida antes de todas as coisas, a paz não é paz, a justiça[103] não é justiça[104] e o que deveria ser benéfico acaba trazendo prejuízo.[105]

Portanto, Deus proibiu que o povo de Israel obtivesse um rei[106] de um povo estrangeiro que não fosse um irmão, e ele ordenou ao povo que aceitasse um rei que o Senhor elegeria entre seus irmãos. O rei deveria escrever a lei de Deus e lê-la todos os dias da sua vida para aprender a temer a Deus, seu Senhor, a guardar a palavra de Deus e os preceitos da lei,[107] a não elevar seu coração em orgulho acima de seus irmãos e não se desviar nem para a direita nem para a esquerda (Dt 17.15-20). Portanto, para um homem governar de modo benéfico e não ser um tirano, é necessário que seja eleito por Deus e entre o povo de Deus. Isso significa que ele deve ser um cristão genuíno que não tomou a iniciativa de ocupar o cargo, mas foi chamado para ele.[108] O magistrado cristão, reconhecendo que é um pastor subordinado de ovelhas que não são suas, mas de Deus, tem em mente governá-las não como lhe aparenta ser bom, mas segundo a lei de Deus, a quem as ovelhas pertencem. Assim, um servidor civil deve dia após dia governar e tratar o povo de Deus de acordo com a lei divina.[109] Em grande humildade e reverência constante, ele permanece diante de Deus para evitar o menor erro na execução dessa grande comissão.[110]

Salomão observou isso. Ele pediu a Deus que lhe desse acima de tudo um coração ensinável, para poder julgar seu povo e saber a diferença entre o bem e o mal (1Rs 3.9). Nessa oração, ele professa ter sido colocado sobre o povo de Deus, e não sobre um povo que pertencia ao próprio Salomão (1Rs 3.8), para julgá-lo, conduzi-lo ao bem e guardá-lo do mal. Ele também confessa que a razão[111] humana não tem a capacidade de distinguir entre o mal e o verdadeiro

bem, de julgar corretamente, mas que precisa aprender essas coisas de Deus. Assim iluminados, podemos reconhecer[112] sem dificuldade a forte praga divina com que Deus nos afligiu e que advém do fato de nos chamarmos de cristãos e nos considerarmos o povo de Deus e, no entanto, nossos magistrados que detêm o poder[113] caíram no erro[114] de achar que a lei[115] divina não lhes diz respeito, que eles precisam julgar e criar regulamentos mais de acordo com a lei[116] imperial pagã e outras determinações humanas do que de acordo com a determinação de Deus. Nisso eles demonstram ser oficiais [servidores] de homens e não de Deus, pois governam seus súditos de acordo com as determinações de homens e não com o decreto divino. Pois bem, em qualquer lugar um homem cuja lei[117] é observada é reconhecido como soberano. Ninguém na terra consideraria como pertencente ao imperador alemão uma cidade que conduzisse todas as suas questões e seu governo[118] segundo as ordens e as proibições do rei francês e ignorasse completamente a lei[119] imperial. Desse modo, não podemos nos orgulhar de sermos comunidades de Deus e o povo de Deus se[120] respeitamos, aceitamos e observamos todos os tipos de leis, preceitos e regulamentos que não vêm de Deus. Apenas a lei dele pode nos fazer viver.

Devemos declarar que, assim como Deus vai infinitamente além de toda a sabedoria e prudência humanas, assim o decreto e as determinações de Deus vão além de todas as leis, organizações e governos que os homens criaram, sancionaram e estabeleceram para assegurar a honestidade e garantir a paz. De onde procede nossa resistência corrupta não apenas em dar atenção aos decretos de Deus, mas até mesmo em ouvi-los? Se alguém em um conselho de uma cidade ou entre seus legisladores se referisse à lei divina que exige a pena de morte pelo adultério [Lv 20.10], como não ririam dessa pessoa! Seria honrada da mesma forma qualquer pessoa que, em conformidade com a lei de Deus, sugerisse punições relacionadas à abolição da prostituição, à pregação da palavra de Deus antes de tudo ao povo e à pena de morte para todos aqueles que a falsificam ou que a obstruem. Segundo a lei divina, essas são de fato as obrigações de um magistrado e servidor cristão, como muitos príncipes e reis piedosos como Moisés, Josué, Davi, Ezequias e outros demonstraram.

Contudo, lamentavelmente, muitos magistrados civis agem como se não estivessem debaixo de um juramento, que é não apenas aos homens, mas também a Deus. Na sua administração, eles não prestam atenção à determinação divina e com frequência agem de modo intencional contra ela. Assim, eles não decidem nada em benefício da comunidade, a não ser que obviamente percebam nisso também uma oportunidade de aumentar seu prestígio e sua fortuna. E isso

acontece também com os clérigos que antes mencionamos. Quanto mais ascendem, mais posições acumulam para si, mas eles não exercem as responsabilidades benéficas dos seus vários ofícios. Em contrapartida, quanto mais caem, mais desprezível seu caráter se torna pelo abuso do seu elevado poder.[121] E assim prejudicam cada vez mais a comunidade subordinada a eles. Portanto, assim como esses clérigos negligentes e ineficientes foram condenados a se tornar apóstolos do anticristo em vez de apóstolos de Cristo, e demônios em vez de anjos, assim nossos senhores e líderes cívicos — que deveriam ser pastores e pais, ou seja, prepostos de Deus — não se tornaram nada além de leões, ursos, lobos, crianças[122] e arrogantes. Como diz Salomão: "O ímpio que domina sobre um povo pobre é como um leão que ruge e um urso faminto" (Pv 28.15).[123] Lemos sobre esse tipo de líderes[124] em Ezequiel 22.27: "Os príncipes no meio da terra são lobos que devoram sua presa; eles derramam sangue, destroem[125] vidas [almas] e por ganância buscam lucro desonesto".[126]

Culpemos nosso pecado por termos falsos apóstolos em vez de Apóstolos e sedutores em lugar de mestres.[127] Também culpemos nosso caráter ímpio por termos tiranos, lobos, ursos, leões, crianças e tolos, em vez de líderes e autoridades civis piedosos e inclinados às coisas divinas — como deixam claro Isaías 3 e Oseias 13, sem contar várias outras páginas das Escrituras. Além disso, todo dia a experiência nos mostra que, se[128] os ímpios dominam e o povo lamenta (Pv 29.2), ainda assim o coração do rei e certamente o coração de todas as autoridades também está nas mãos do Senhor, que pode direcionar esse coração para onde quiser. Portanto, antes de tudo, como Paulo ensina, devemos apresentar orações, súplicas e ações de graças pelas autoridades (1Tm 2.1), para que Deus, de acordo com seu coração, nos dê pastores e líderes como seus próprios agentes que nos governem de acordo com sua lei e favoreçam nossa obediência aos seus mandamentos. Pois, assim como tanto em coisas espirituais quanto em seculares todo o nosso benefício e bem-estar dependem de que nossos líderes se dediquem[129] fielmente a seu ofício, assim também a nossa ruína inteira certamente resulta do seu ato de buscarem seu próprio benefício e nos fazerem obedecer a eles, não a Deus.

Deus estabeleceu essas duas ordens gerais, o ministério espiritual e a ordem secular, para favorecer o bem[130] público. Elas poderiam perceptivelmente concretizá-lo caso as autoridades se dedicassem à sua incumbência, mas também poderiam prejudicá-lo[131] de modo irremediável se buscassem somente seus próprios interesses. Depois dessas duas ordens mencionadas vêm as ordens ou profissões mais cristãs. Elas são a agricultura, a pecuária e as ocupações

necessárias associadas a elas. Essas profissões são as mais benéficas ao próximo e são as que lhe causam menos transtorno.[132] Todo homem deve encorajar seu filho a ingressar nessas profissões, pois os filhos devem ser encorajados a ingressar na melhor profissão, e a melhor profissão é a que produz mais benefício para os semelhantes. Mas hoje em dia a maioria dos homens quer que seus filhos se tornem clérigos. Nas presentes circunstâncias, isso significa conduzir o filho à posição mais perigosa e ímpia. O restante dos homens deseja que os filhos se tornem negociantes, sempre com o propósito[133] de que se tornarão ricos sem trabalhar, contrariando o mandamento de Deus (Gn 3.19), e com o propósito de que buscarão seu próprio benefício, ao mesmo tempo que explorarão e arruinarão outras pessoas,[134] contrariando a ordem divina e todo o espírito[135] cristão. Encorajar a juventude a ir por esse caminho é conduzi-la à morte eterna, enquanto o caminho à vida eterna apenas é possível pela obediência aos mandamentos divinos. E todos os mandamentos serão cumpridos no único preceito do amor fraternal, que sempre busca o interesse do próximo, não o seu próprio.

Concluindo, esta primeira parte deve ter deixado claro:

que, de acordo com a ordem e o mandamento do Criador, ninguém deve viver para si mesmo, mas todo homem deve, por amor a Deus, viver para seu próximo e servi-lo de todos os modos[136] em questões relativas tanto ao espírito quanto ao corpo;

que essa obrigação recai acima de tudo sobre aqueles que foram chamados e constituídos para promover o bem público, tanto espiritual quanto secular;

que Deus não poderia ter nos enviado uma praga maior do que homens em busca de suas próprias vantagens;

que, quanto mais uma profissão é útil para as necessidades da comunidade geral e para promover o proveito da comunidade como um todo, mais essa profissão é honrada e cristã e todos devem ingressar nela ou aceitá-la alegremente.

Por fim, nossa primeira parte mostra que agora vivemos nos últimos tempos,[137] em que a injustiça passou a prevalecer e o amor desapareceu (Mt 24.12); todo homem busca e se conforma à vida sem esforço e deseja viver à custa do trabalho dos outros, enquanto a vida cristã exige o exato oposto. O cristão abre mão até mesmo do que é seu por direito,[138] sempre está disposto a ajudar os outros com seu trabalho e não aceita nada por nada [sem custo], apegando-se às palavras de Jesus: “Dar é mais bem-aventurado do que receber” (At 20.35).

---

[1]Alemão: alle ding. Ding inclui tudo que foi criado, é ou existe. Sache, “coisa”, está incluso em Ding, mas exclui pessoas, enquanto Ding as inclui. Sache é geralmente “objeto de busca, ocupação ou interesse humano”. Personen und Sachen (e não Personen und Dinge) constituiria um contraste. Deus é o criador de todas as Dinge (e não apenas Sachen).

[2]Alemão: dienstlich, “subserviente”.

[3]Alemão: wesen. Esse é um antigo infinitivo (equivalente a seyn) usado como substantivo. Seu significado mais simples é “ser”, “natureza de uma pessoa ou de uma coisa”. Também significa “essência” (na filosofia), “dificuldade”, “perturbação”, “assunto” (p. ex., Kirchen-Wesen: “os assuntos da igreja”).

[4]Será que Bucer tinha em mente seu pai, que era um toneleiro?

[5]Alemão: haendeln: “atividade”, “assunto”. Handel chegou a significar ação de qualquer tipo. Então, passou a significar “assunto”, “negócio”, “transação”.

[6]Alemão: haendeln. Veja a nota 5 acima.

[7]Alemão, gemeynschafft, de gemeyn, “comum”, “coletivo” (veja tb. a nota 17 da Introdução). A palavra transmite um conceito mais elementar do que Gesellschaft (de sal, “salão”), “sociedade”.

[8]Alemão: wesen. Veja a nota 3.

[9]De erkennen. Kennen significa “conhecer” no sentido de “identificar ou reconhecer”. Kennen geralmente está relacionado ao que o olho (físico ou espiritual) pode ver. Wissen significa “ter conhecimento de” e está relacionado a atos da mente.

[10]De erkennen. Veja a nota 9.

[11]Alemão: Regiment: “controle”, “governo”, “administração”. De regieren (veja a nota 94 para o termo).

[12]Alemão: miltiggkeit (e milthätigkeit), de milde: “livre”, “generoso”, “abundante”, “beneficente”.

[13]Todas as Escrituras citadas são traduzidas dos textos originais em hebraico e grego pelo próprio Bucer.

[14]Alemão: wesen, aqui no sentido de ordem. Cf. Das gemein Wesen: “a comunidade”, “a nação”; Das Staats Wesen: “o estado”.

[15]Cf. uma passagem semelhante a essa no Magnificat de Lutero, 1520-1521, in: Clemen, org., cit., vol. 2, p. 154; Luther's Works (Philadelphia, 1930), vol. 3, p. 153-4.

[16]Alemão antigo: gebenedeyet, do latim benedicere. Seu oposto chegou a ser maledein, do latim maledicere.

[17]Aqui o texto original de Bucer apresenta na margem: "a fala de Deus".

[18]Alemão: Kraft. Veja a nota 7 do prefácio de Bucer.

[19]Alemão: Macht, "poder". Veja tb. a nota 7 do prefácio de Bucer sobre Kraft e a nota 95 sobre Gewalt neste capítulo.

[20]Alemão: Macht. Veja a nota 19 acima.

[21]Alemão: segen, "bênção", "ato de abençoar", é uma corruptela do latim signum, "sinal". Quando o cristianismo foi introduzido na Alemanha, com o sinal da cruz sendo feito como bênção, o próprio sinal foi confundido com a bênção ou ato de abençoar. O mesmo ocorre com o verbo segnen do latim signare, "fazer um sinal" — o sinal da cruz no nosso caso. No alemão muito antigo, segen apresenta seu significado originário de signum e vexillum.

[22]Alemão: frummen. Frumm originariamente significava "vantajoso", "em

benefício de”. Esse sentido permanece no verbo frommen. Como adjetivo, veio a significar “bom”, “piedoso”. Como substantivo, significa “vantagem”.

[23]Alemão: frummen. Veja a nota 22 acima.

[24]Aqui o texto original apresenta na margem: “O que é bom”.

[25]Alemão: frummen. Veja a nota 22.

[26]Alemão: wesen. Veja a nota 3.

[27]Alemão: genossen, de geniessen (“desfrutar”), significa “um companheiro em algo deleitoso”. É um termo mais profundo do que Gesell (de sal, salão), “parceiro de negócios”, e Gefährte, “companheiro de viagem”.

[28]Alemão: begyrd. Veja a nota 4 do prefácio de Bucer.

[29]Alemão: Maennin, “mulher do homem”.

[30]Alemão: ursach. Veja a nota 13 do prefácio de Bucer.

[31]Alemão: frummen. Veja a nota 22.

[32]Alemão: begyrd. Veja a nota 4 do prefácio de Bucer.

[33]Alemão: gesatz, que chegou a ser simplesmente o particípio do verbo setzen e significava simplesmente “colocado, estabelecido”. Como substantivo, veio a significar “a lei”. A palavra do inglês law já significou simplesmente laid: “aquilo que está deitado, posto”.

[34]Alemão: gesatz. Veja a nota 33 acima.

[35]Alemão: in freüntlichem dyenst. Para freünt, veja tb. a nota 53.

[36]Alemão: boesen. O adjetivo boese indica algo mau em si mesmo. É o contrário de gut, “bom”. Uebel, “mau”, por sua vez, significa “dano”, “causar dano”. É o contrário de wohl, “agradável”.

[37]Alemão: mitgenossen. Veja a nota 27.

[38]Alemão: saeligkeit, de sal, um salão ou grande sala térrea em casas alemãs antigas; assim, a posse de bens ali. Ou do alemão antigo sael, isto é, heil; assim, a posse de heil (veja a nota 5 do prefácio de Bucer para heil). Saeligkeit é a posse e o desfrute do total absoluto dos bens espirituais.

[39]Alemão: schaden, “causar dano”. Daí o anglo-saxão scathan e daí o inglês scathe, com um significado mais limitado.

[40]Alemão: verderben, “tornar impróprio para o uso”.

[41]Alemão: selig. Veja a nota 38.

[42]Alemão: der teuffel, “o diabo”. Ambas as palavras são uma corruptela da mesma palavra grega diabolos, “caluniador”.

[43]Alemão: schaden. Veja a nota 39.

[44]Alemão: heil. Veja a nota 5 do prefácio de Bucer.

[45]Alemão: frummen. Veja a nota 22.

[46]Alemão: saeligkeit. Veja a nota 38.

[47]A crença na eleição não é popular. No entanto, o povo americano elege apenas alguns homens para o Congresso. Jesus acreditava na eleição: Marcos 13.20,22,27 (Mateus 24.22,24,31), Lucas 18.7. Lutero, Zuínglio e Bucer acreditavam na eleição ou predestinação. Eles extraíram essa convicção não da filosofia, mas das Escrituras e da experiência pessoal (que tantos homens estão totalmente cegos para o evangelho).

[48]Alemão: erwoelten, “os eleitos”. Veja nota 47.

[49]Alemão: alle ding. Veja a nota 1.

[50]Alemão: instrument, “instrumento”, “documento com valor legal”. Tertuliano usou a palavra instrumentum no segundo sentido, em relação às Escrituras. Cf. seus Adversus Hermogenem, caps. 19, 20, De resurrectione carnis, caps. 33, 39, 40, e Adversus Marcionem, cap. 2.

[51]Mateus 19.28; 25.31-46; Ato 3.21; Apocalipse 21.1-5.

[52]No presente, há o reino de Cristo. O reino de Deus perfeito virá somente no fim. Cf. Mateus 25.31-46; 1Coríntios 15; veja tb. as notas 9, 10 e 18 do prefácio de Bucer e a nota 95 neste capítulo.

[53]Alemão: frummen. Veja a nota 22.

[54]Alemão: heil. Veja a nota 5 do prefácio de Bucer.

[55]Alemão: gebürt, “cabe a”, no sentido de “é adequado para”.

[56]Alemão: wesen. Veja a nota 3.

[57]Alemão: wolfart, um curso próspero de coisas. Tanto o alemão fahren quanto o inglês fare significavam simplesmente “ir”, como em farewell. Mas o verbo veio a ser aplicado a qualquer processo da vida ou atividade.

[58]Alemão: gesatz. Veja a nota 33.

[59]Bucer aqui apresenta o plural gesaetz, e não o singular gesatz.

[60]Alemão: wesen. Veja a nota 3.

[61]Alemão: nechsten. Veja a nota 15 do prefácio de Bucer.

[62]Alemão: feynd oder freünd. Feind, “inimigo”, é simplesmente o particípio presente de fian, “odiar”, e significa “um inimigo implacável e malicioso”. Por isso (como o inglês fiend), a palavra com frequência era aplicada a Satanás. Freünd, “amigo”, do alemão antigo frijon, “amar”.

[63]Alemão: genossen. Veja a nota 27.

[64]Alemão: heyland. Veja a nota 17.

[65]Alemão: in die schantz schlagen, “lançar em uma trincheira”. Cf. Marcos 8.35.

[66]Alemão: Baepst. Bapst, como o inglês pope, vem do grego tardio papas ou pappas, que significava “pai”. O nome era reservado ao papa. Um sacerdote local ou mestre espiritual era chamado de Pfaff (veja a nota 77 para esse termo).

[67]Alemão: heil. Veja a nota 5 do prefácio de Bucer.

[68]Essas visões de autonegação já são encontradas em Tauler e na Theologia Germanica editada por Lutero em 1516, bem como no seu Curso sobre Romanos de 1515-1516, mencionados nas notas 7 e 8, vol. 2, p. 215, 217-8. O deão Strohl observa que Bucer talvez as tenha ouvido do próprio Lutero no encontro deles em Heidelberg. Veja tb. a nota 5 na página 19.

[69]Alemão: gebürt. Veja a nota 55.

[70]Alemão: mitheylten. Theil, “parte”, é a mesma palavra que o inglês antigo deal, “uma parte”. To deal chegou a significar “dividir”, como o alemão theilen.

[71]Veja a nota 70.

[72]Alemão: gemuet, significando “a disposição”, “o sentimento”. O termo corresponde ao latim animus, sensus. Cf. o inglês mood, “disposição mental”. Antes de Shakespeare, o inglês moody significava “corajoso”, “animado”, “obstinado”.

[73]Veja a nota 72 acima.

[74]Ibidem.

[75]O itálico indica a ênfase de Bucer.

[76]Alemão: wesen. Veja a nota 3.

[77]Pfaffen, de papa, “sacerdote”, foi primeiramente cunhado no idioma gótico e então foi absorvido no idioma alemão. Chegou a ser um tratamento para mestres eclesiásticos e sacerdotes. Durante a Reforma, deixou de ser um título honorífico. Desde então, Pfarrer (de Pfarre, “paróquia”, e Herr, “senhor”), “pastor”, é usado como tratamento para clérigos. Lutero usa tanto Pfaffen quanto Pfarrherren em À nobreza cristã da nação alemã, 1520. Cf. O. Clemen’s, org., cit., vol. 1, p. 362-425; Luther’s Works (Philadelphia, 1943), vol. 11, p. 61-164.

[78]Alemão: daran setzen, “nisso arriscar”, “pôr em risco”.

[79]Alemão: verdrucken. Na época de Bucer, o termo significava “oprimir”, como be- ou unter-drücken significa agora.

[80]Alemão: wesen. Veja a nota 3.

[81]Alemão: weltlicher oberkeit, “os magistrados civis”. Também em 1523, Lutero publicou o tratado Von weltlicher Obrigkeit (a grafia e o uso da letra maiúscula não eram uniformes em 1523). Cf. O. Clemen’s, org., cit., vol. 2, p. 360-94;

Luther’s Works (Philadelphia, 1930), vol. 3, p. 228-73.

[82]Alemão: frummen. Veja a nota 22.

[83]O Geistlicher é um termo geral que inclui bispos, clérigos seculares e ordens religiosas.

[84]Veja a nota 81.

[85]O texto original tem na margem: Ampt weltlicher regierer (ofício do governo secular). Para regierer, veja a nota 94.

[86]Alemão: redlich, de Rede, “relato”. O termo significava “de boa reputação”, “apropriado”. Hoje geralmente significa “honesto”.

[87]Alemão: haendeln. Veja a nota 5.

[88]Veja a nota 86.

[89]Veja a nota 11.

[90]Aristóteles, Política (livro IV, cap. 10) in: Desiderius Erasmus, The education of a Christian prince, tradução para o inglês de Lester K. Born (New York,

1936), p. 161. O texto original em latim era conhecido por Bucer.

[91]Em D. Erasmus, op. cit., p. 184.

[92]Alemão: Künig (como o inglês king), provavelmente de künne, “raça”, significa “de raça nobre”. Tácito escreveu que os alemães escolhiam seus reis entre a nobreza: Reges ex nobilitate sumunt.

[93]Alemão: gebürt. Veja a nota 55.

[94]Alemão: regieren, “governar, administrar”, do francês régir ou do latim regere.

[95]Alemão: gewalt (de walten, relacionado ao inglês wield, “controlar”), “o poder legal que envolve superioridade e capacidade de obrigar”.

[96]Veja a nota 95 acima.

[97]Ibidem.

[98]Ibidem.

[99]Alemão: wolfart. Veja a nota 57.

[100]De erkennen. Veja a nota 9.

[101]Veja a nota 81.

[102]Veja a nota 9.

[103]O alemão recht corresponde ao latim jus, “conformidade às leis, ao direito, à justiça”.

[104]Veja a nota 103.

[105]Veja a nota 39.

[106]Veja a nota 92.

[107]Veja a nota 33.

[108]D. Erasmus, op. cit., p. 160.

[109]Ibidem, p. 167.

[110]Alemão: befelch. Befehl agora significa “ordenar”, mas na época da Reforma significava “entregar, confiar”. Lutero diz ich befehle meinen Geist in deine Hände.

[111]Alemão: vernunfft, “razão”. O termo corresponde ao latim ratio. Geist é do latim mens.

[112]De erkennen. Veja a nota 9.

[113]Alemão: gewalt. Veja a nota 95.

[114]O texto original tem na margem: “Observem isto, juízes seculares”.

[115]Veja a nota 103.

[116]Ibidem.

[117]Alemão: gesatz. Veja a nota 33.

[118]Veja a nota 11.

[119]Nosso leitor recordará que, no tempo de Bucer, Estrasburgo fazia parte do Império Germânico, e observará aqui um bom argumentum ad hominem: Bucer usa a situação dos residentes de Estrasburgo a seu favor para deixar claro o que quer dizer e convencê-los de que devem aceitar a lei do Senhor.

[120]Alemão: so, que como o inglês antigo muitas vezes significava “se”.

[121]Alemão: gewalt. Veja a nota 95.

[122]Veja Isaías 3.4.

[123]D. Erasmus, op. cit., p. 167.

[124]Alemão: Fürsten. Furst, sendo simplesmente o superlativo de für, a antiga forma de vor, significava “o principal”, “o primeiro” e, assim, “o líder” — como o latim princeps e o inglês prince.

[125]Alemão: verderben, “tornar impróprio para o uso”.

[126]D. Erasmus, op. cit., p. 167.

[127]O itálico indica a ênfase de Bucer.

[128]Alemão: so, que muitas vezes significa “se”.

[129]O alemão warten originariamente significava “observar”, “procurar”. Assim, warte significava “um ponto elevado”, “uma torre usada para observar”, “um observatório”. Warthurm e Wartburg significavam “torre de vigia”. Portanto, o verbo significava “vigiar”, “aguardar ansiosamente” e, como o inglês wait on, veio a significar também “dedicar-se a”, “cuidar de”.

[130]Cf. uma página semelhante a esta em Lutero, Magnificat, 1520-1521, Clemen’s, org., cit., vol. 2, p. 134 (cf. p. 186-7); Luther’s Works (Philadelphia, 1930), vol. 3, p. 124 (cf. p. 200).

[131]Alemão: schaden, “prejudicar”. Veja a nota 39.

[132]O texto de 1523 tem aqui na margem: “Posições (ordens) cristãs”.

[133]Alemão: meynung, de meinen: baixo-alemão meenen (inglês mean), “ter intenção”, “propósito”.

[134]O deão Strohl observa que ideias semelhantes já haviam sido expressadas no capítulo 73 do famoso Narrenschiff (Strassburg, 1520), fólios 144-5. Cf. The ship of fools, de Sebastian Brant, traduzido e vertido para parelhas de versos que rimam e editado por Edwin H. Zeydel (New York, 1944). No entanto, a experiência fez Bucer modificar suas perspectivas a favor dos negociantes, em especial no seu último livro, De regno Christi.

[135]Alemão: wesen. Veja a nota 3.

[136]Alemão: kreften. Veja a nota 7 do prefácio de Bucer sobre kraft.

[137]Essa também era a convicção de Lutero. Esse fato é ignorado de modo persistente, embora um estudioso tão conservador quanto Julius Köstlin tivesse de reconhecê-lo já em 1881. Veja a página 531 da sua obra Life of Luther (New York, 1913). Para as expectativas e perspectivas iniciais de Lutero (cf. 1517-1522), veja o artigo do presente tradutor: “The three kingdoms according to Luther”, in: The Lutheran outlook, vol. 16, n. 6, junho de 1951, p. 173-6, ou seu panfleto com notas: “Luther’s vision of the Kingdom of God” (Westminster, Md., 1951).

[138]Isto é, legalmente: von recht.

SEGUNDA PARTE

COMO O HOMEM PODE ALCANÇAR O IDEAL DE VIVER NÃO PARA SI MESMO, MAS PARA OS OUTROS

• • •

Agora precisamos dizer como podemos voltar a uma vida como aquela para a qual fomos criados no princípio, isto é, viver não para nosso próprio benefício, mas para o de outros e para a glória de Deus. Em poucas palavras, apenas a fé pode trazer e conferir essa vida a nós. Todas as coisas de fato foram criadas por meio de Cristo Jesus, nosso Salvador. Portanto, agradou [1] a Deus por meio dele também levar todas as coisas de novo à posição e ordem em que haviam sido criadas no princípio. A revelação de Deus dos seus verdadeiros filhos (Rm 8.19), isto é, o advento de homens que são verdadeiros cristãos, beneficiaria as outras criaturas (Is 11.6). Portanto, são os homens que devem dar início a esse retorno à natureza [2] correta e primordial das criaturas. Embora ainda não seja perfeito, esse retorno humano deve começar já no presente. E isso acontecerá se os homens crerem em Cristo, a saber, confiarem totalmente que, pelo seu sangue, Cristo os restabeleceu na filiação e na graça desse Pai e que, portanto, pelo seu Espírito, Cristo também os recriou de acordo com a primeira ordem universal, ou seja, úteis para muitos e com entendimento de todas as criaturas. Essa restauração alcançará cada homem conforme quão receptivo e responsivo ele for.

Pois o que Cristo ensinará a cada homem e fará a cada homem será conforme sua confiança. Ele disse aos cegos: “Credes que eu posso fazer isso por vós?”. E eles lhe responderam: “Sim, Senhor”. Então Jesus disse: “Seja feito conforme a vossa fé” (Mt 9.28-29). Mas pelo nosso pecado nós caímos da nossa condição inicial, em que vivíamos para servir os outros e louvar a Deus. E agora — um fato extremamente lamentável —, de acordo com nossa natureza corrupta, amamos apenas a nós mesmos e buscamos apenas nosso benefício. E desse modo destruímos a nós mesmos, prejudicamos nosso próximo, insultamos a Deus e desonramos nosso Criador. Mas precisamos crer que Deus, ao tornar nosso Senhor Cristo a cabeça da sua comunidade (Cl 1.18), reconciliou e uniu todas as coisas nele (Ef 1.10); ou seja, Deus trouxe todas as coisas de volta à sua natureza[3] originária — viver para a glória de Deus e o benefício de todas as criaturas, mas em especial o do homem. Sim, precisamos crer que essa restauração por meio de Cristo, essa reconciliação e reorganização por meio de Cristo, também nos alcança. Então o espírito do verdadeiro amor certamente voltará a nós — aquele espírito que é atencioso em todas as coisas e não busca seu próprio bem-estar, mas o de seu próximo. Pois a palavra de Cristo precisa ser

verdadeira: Será feito conforme a vossa fé.

Além disso, a verdadeira fé pode nos fazer crer completamente em todas as palavras de Deus — as Escrituras inteiras que nos apresentam Jesus Cristo, nosso Salvador,[4] como aquele que pelo seu sangue nos resgatou do poder[5] das trevas e que pela graça do Pai nos transportou para seu reino (Cl 1.13). Portanto, agora não apenas somos livres, mas também somos verdadeiros filhos de Deus. Pois, se cremos no seu nome, ele nos deu o poder[6] de nos tornarmos filhos de Deus (Jo 1.12). O Pai de fato enviou ao nosso coração seu Espírito, que clama: Abba — Pai querido. Assim, já não há mais escravos, mas apenas filhos. Contudo, filhos também são herdeiros, herdeiros de Deus por meio de Cristo (Gl 4.6). O mesmo Paulo também escreveu aos romanos (8.14-17): "Portanto, está claro que pela fé nos tornamos filhos de Deus e temos o espírito de filhos, que testemunha ao nosso espírito que somos filhos de Deus". A consequência disso deve ser que, assim como pelo Espírito reconhecemos[7] e invocamos a Deus como um pai, assim também reconhecemos[8] todos os homens como nossos irmãos e nos colocamos a serviço deles. Isso agrada ao Pai de modo especial, pois ele nos criou com esse propósito, o que nos demonstrou em toda a sua Lei e todos os seus Profetas.[9] Portanto, apenas a fé pode nos separar de nós mesmos e nos levar a nos entregar a Deus Pai como filhos. Quando nos tornamos verdadeiros filhos desse modo, nosso interesse principal deve ser seguir a vontade desse que é o melhor e mais querido de todos os pais, e viver em todas as coisas de acordo com a lei dele. E tudo isso é cumprido se seguimos esta única ordem: "Amarás teu próximo tanto quanto amas a ti mesmo". Assim que nos submetemos nisso ao Pai, entregamo-nos completamente ao serviço de todos os homens para a alegria e a glória do nosso Pai celestial, o mais querido de todos os pais.

Isso é fácil para todos aqueles que têm uma fé verdadeira. Pois, como vimos, a fé traz consigo o espírito de filhos, o Espírito de Deus que testemunha ao nosso espírito que somos filhos de Deus. Se somos filhos, também somos herdeiros — herdeiros de Deus e coerdeiros com Cristo. Se reconhecemos e consideramos que somos filhos e herdeiros de Deus, tendo certeza quanto a essa condição (e nada é mais certo do que o fato de crermos na palavra de Deus), também devemos reconhecer e considerar que essa é a coisa mais certa de todas que temos e que receberemos todas as coisas necessárias. Sim, devemos nos considerar nada menos do que já bem-aventurados,[10] ainda que agora apenas na esperança, pois receberemos a herança eterna de Deus apenas no dia em que nos manifestaremos com Cristo na glória de Deus e seremos semelhantes a Deus (Cl

3.3-4; 1Jo 3.2).[11] Pois, se um pai bom e fiel, que pode ajudar, está pouco inclinado a deixar os filhos passar privação, muito menos nosso Pai eterno nos deixará sofrer necessidade. Ele sabe e pode fazer todas as coisas; e faz o melhor que um pai pode fazer pelos filhos. Portanto, o que o profeta[12] diz certamente é verdade: “Nada falta aos que temem a Deus” (Sl 34.9). No entanto, as únicas pessoas nessa condição são os filhos queridos de Deus pela fé.

Nossa natureza está tão ligada e é tão subserviente aos bens mundanos, e está sempre tão ansiosa por obter o suficiente deles, que não tem nenhum livre-arbítrio para ajudar outros a não ser que tenha primeiro ajudado a si mesma no que imagina ser indispensável. Mas nossa natureza nunca deixará de ajudar a si mesma e nunca achará que obteve o suficiente. Apenas a certeza de sermos filhos e herdeiros de Deus pode nos assegurar de já termos o que é necessário para o presente e para o futuro. Apenas a fé verdadeira pode tranquilizar o coração. Então o coração adquire a certeza de que não lhe faltará nada. Então o coração pensa como Paulo: “Aquele que não poupou nem o próprio Filho, mas o entregou por todos nós, como não nos dará com ele todas as coisas?” (Rm 8.32). O sentido aqui é: se Deus sacrificou por nós o que era mais caro e precioso para ele, seu único Filho amado, qual dos nossos pecados ele não perdoará? De qual bem ele poderia nos privar? Seu amor é grande demais. Portanto, no exato instante em que, pela fé, o coração reconhece[13] e adota essa verdade, ele é inundado com amor e, desse modo, torna-se totalmente disposto a fazer o bem a todos os homens e ansioso, acima de tudo, pela proclamação da bondade inefável de Deus, para conduzi-los a esse senso bem-aventurado de segurança. Pois esta é a natureza da bondade genuína: ela não pode ficar nela mesma, mas precisa jorrar o mais longe possível e o máximo possível. Toda árvore boa precisa produzir frutos, e esses frutos precisam ser bons (Mt 7.17-20).

A fé não somente nos leva a uma confiança completa em Cristo, mas também nos restaura à ordem correta e divina em que fomos criados. Além disso, pela fé recebemos a oferta do seu Espírito e a aceitamos, e esse Espírito nos dá a certeza de sermos filhos de Deus. O resultado disso é que de bom grado praticamos todos os tipos de atos de amor pelo nosso próximo. Esses atos de serviço e obediência são as exigências mais elevadas de Deus aos seus filhos. Porque somos filhos, herdeiros de Deus e bem-aventurados — isto é, temos certeza de que nada nos faltará nem no presente nem no futuro —, também sentimos a necessidade de servir aos nossos irmãos com toda a dedicação e com aquele amor não fingido que brota da fé. As Escrituras nos ensinam que por natureza somos filhos da ira[14] (Ef 2.3) e, portanto, indignos de ser servidos por qualquer

pessoa. Mas[15] o Senhor nos prometeu[16] que ele aceitará como feito a ele o que fizermos ao menor dos seus irmãos (Mt 25.40), e ele fará a misericórdia[17] abundar sobre todos aqueles que a praticam ao seu próximo (Mt 5.7). Pois o Senhor exige misericórdia,[18] não sacrifícios (Os 6.6). Tudo isso deve nos levar a nos regozijar[19] de coração no fato de que se exige de nós servir e demonstrar ao nosso próximo plena e amável consideração,[20] pois desse modo somos capazes de manifestar um pouco de gratidão ao nosso muitíssimo gracioso Pai e Salvador[21] e, com um coração confiante, podemos esperar receber dele a demonstração de uma misericórdia[22] ainda maior, pois agora nos dedicamos com diligência — ao menos um pouco — a fazer a vontade dele.

Além disso, uma vez que apenas a fé reconhece e entende o valor correto dos benefícios imensuráveis do nosso Senhor e Redentor[23] Jesus Cristo, a fé os lembra de modo constante de uma celebração sempre nova e mantém esses benefícios em uma meditação sempre renovada. Portanto, é uma consequência necessária disso que o homem que tem fé[24] adquirirá a mesma disposição que ele vê demonstrada por Cristo (Fp 2.5). Isto é, embora existisse em forma completamente di- vina, Cristo não considerou essa semelhança a Deus como algo a que se apegar, mas despojou a si mesmo, assumiu a forma de servo, tornou-se como qualquer homem, humilhou-se ainda mais e se tornou obediente até a morte, e morte de cruz (Fp 2.6-8). Se um coração com fé meditar nesse fato, será tão inflamado de amor pelo seu Salvador[25] e Senhor que renunciará a si mesmo completamente, despojando-se a si mesmo, e pensará: “Se o Filho de Deus eterno, teu Salvador[26] e Senhor, não veio para ser servido, mas para servir a outros, se ele deu sua alma por ti e para o resgate[27] de muitos, se ele se despojou da forma divina em que estava, se ele assumiu a forma de servo, se ele se tornou obediente até mesmo na morte, e morte de cruz, o que tu, ó homem, farás contigo? Ah, certamente posso, ao menos um pouco, seguir meu Senhor e Resgatador[28] como um sinal da minha gratidão, eu que não sou nada e não posso fazer nada. Tudo que tenho é por ti, pela graça do Pai. Nada ficará comigo mesmo, mas com alegria colocarei tudo que tenho a serviço dos meus irmãos. Também serei obediente na morte, até mesmo morte de cruz; ou seja, aceitarei todos os sofrimentos e desgraças”. E assim se dará que negaremos a nós mesmos, tomaremos a cruz sobre nós e desse modo seguiremos nosso Senhor, Mestre, Rei e Salvador[29] (Lc 9.23), e certamente também como ele passaremos desta vida de humildade, serviço e obediência à glória, ao reino e à bem-aventurança eternos. Amém.[30]

Por fim, a fé tira de nós o amor pela vida presente — suas honras, fortuna e

prazeres —, um amor que impede tantas pessoas de exercer um amor e um serviço genuínos ao seu próximo.[31] Sim, a verdadeira fé nos liberta de tudo isso. Pelo fato de que, por meio de Cristo, a fé nos revela o Pai celestial e eterno como tão gracioso para conosco, tão disposto a derramar todos os bens sobre nós, essas coisas materiais agora são um aborrecimento e um fardo para o cristão, que de bom grado deixaria tudo para estar com Cristo (Fp 1.23), onde ele também estaria livre do pecado e nunca mais seria capaz de desagradar[32] ao seu mui querido Pai celestial. Desse modo, o cristão considera esta presente vida e todas as suas exigências mais um fardo do que um grande bem. Portanto, sem mencionar honras, posses ou prazeres, dar sua vida pelos seus irmãos não é uma grande dificuldade para um cristão verdadeiro. Assim Cristo deu sua vida por nós no seu amor infinito (Jo 3.16).

Essas indicações, ainda que breves, já bastam para mostrar que apenas a fé nos leva de volta à nossa disposição[33] correta e piedosa original, como criada por Deus para seu louvor, a fim de podermos ser úteis para todas as criaturas e as servirmos — buscando em nada nosso próprio interesse, o qual nosso Pai e Criador, o Deus todo-poderoso, já proveu. A fé é a verdadeira justiça na qual o justo vive como deve viver em relação a Deus, ao homem e a todas as criaturas (Hc 2.4).[34] Ele dá a Deus a honra e o louvor merecidos e pratica para com seu próximo aquele amor que cumpre todos os mandamentos (Gl 5.14). Dessa forma, demonstramos ser discípulos de Cristo, que guardam seu novo mandamento (Jo 13.34) e, por meio deste, toda a Lei e todos os Profetas. Assim, demonstramos que certamente passaremos desta vida cristã piedosa à vida eterna.

E aqui também muitos poderão descobrir qual é seu tipo de fé. Pois a fé produz a autonegação, a dedicação de si mesmo ao serviço de outros homens, o esquecimento de si mesmo e[35] o ato de viver totalmente para os outros para a glória de Deus. Se a fé não é assim, ela não é uma fé verdadeira e legítima, é uma fé morta; ela nem sequer é fé.[36] E, se a fé gera esses frutos mencionados, mas de modo fraco e imperfeito, ela também é uma fé fraca e imperfeita. É um fato lamentável, mas, com algumas exceções, essa é a fé da maior parte de nós. Pois, se a fé fosse inteira, completa, se o coração estivesse se entregando completamente às Escrituras, de modo totalmente sério, e não acreditando apenas em ilusões,[37] seria impossível o homem buscar o que é seu ou viver apenas para si mesmo, pois as Escrituras certamente lhe mostrariam com exatidão que, por essa busca dos seus próprios interesses, ele destruiria a si mesmo, perderia sua vida e tudo mais (Lc 9.24; Jo 12.25).[38] Portanto, a única

opção para ele é se entregar de todo o coração e com toda a confiança àquela bondade inefável que as Escrituras lhe apresentam como reservadas para ele, por meio de Cristo, a qual ele recebe assim que tem fé. E pela fé ele é completamente renovado. Desse momento em diante, ele não pode mais se preocupar consigo mesmo, pois recebe a certeza de que Deus, seu Pai, preocupa-se[39] com ele como com um filho querido. E[40] o cristão, como uma fonte perpétua, precisa jorrar a bondade que Deus por meio de Cristo lhe confere. Ele o faz favorecendo o bem-estar de todos os homens, mas em especial dos seus irmãos[41] na fé, pois estes últimos são extremamente receptivos não apenas a bens materiais, tal como os outros homens, mas também a benefícios espirituais.

Como conclusão, gostaria de mais uma vez mostrar com uma declaração de Paulo que um homem que tem uma fé verdadeira se tornou totalmente diferente do que era. Em Cristo, esse homem é uma nova criatura, que não pode mais viver de modo egoísta, mas precisa viver para o benefício do seu próximo e para a glória de Deus. A mensagem de Paulo é clara. Ele diz: “Pela graça fostes salvos;[42] e isto não vem de vós. Isto é o dom de Deus, não por causa das obras, para que ninguém se orgulhe nelas. Pois vós sois obra dele, criados por meio de Jesus Cristo para as boas obras, para as quais Deus previamente nos preparou para que andássemos nelas” (Ef 2.8-10). Essa declaração indica algo totalmente claro para nós: se cremos, pela fé somos abençoados,[43] isto é, temos a certeza de todas as coisas necessárias. Isso não acontece por causa de nós mesmos e por nossas próprias boas obras, mas simplesmente por aceitarmos tudo como um dom da graça de Deus. De fato, somos a obra de Deus, criados por meio de Jesus Cristo para a prática de boas obras. No entanto, não devemos executar esses atos para nosso próprio benefício, mas simplesmente por Deus ter nos preparado previamente para eles, a fim de serem nosso modo de vida.[44]

Certamente, essas obras são aquelas que Deus nos ordena em todas as Escrituras, isto é, aquelas pelas quais servimos aos nossos semelhantes. Deus não exige nenhuma outra obra de nós; e Cristo não nos ensinou nenhuma outra. É por isso que ele citou tantas vezes a declaração de Oseias 6.6: “Quero misericórdia e não sacrifícios”, e declarou[45] que nos julgará segundo esse critério (Mt 25). Se um cristão é uma obra de Deus, criada para praticar essas obras, ele certamente não pode ficar ocioso ou buscar e fazer o bem apenas para si mesmo. Pois o que Deus criou por meio de Cristo Jesus precisa ser bom e correto, e tem o dever de se dedicar com diligência[46] àquilo para o qual foi criado, assim como todas as outras obras e criaturas de Deus se dedicam[47] àquilo para o qual foram criadas. As aves se dedicam a voar, os peixes a nadar e o homem a falar. Assim como

qualquer criatura ou obra de Deus não pode desprezar aquilo para o qual foi criada, a não ser que haja um acidente, assim também um cristão e crente genuíno não pode viver sem praticar boas obras, esquecendo-se de si mesmo, beneficiando todos os homens, fazendo e dando a cada um conforme sua capacidade de receber e de responder.

Já está suficientemente claro em nosso texto o fato de que a fé verdadeira é aquilo pelo qual passamos a viver, não para nós mesmos, mas para outros, para a glória de Deus, sendo diligentes em legítimas boas obras. Portanto, também podemos entender que pregar a fé é mostrar a fonte de todas as boas obras, ao mesmo tempo que nada é mais estranho ao nosso pensamento e à nossa proclamação do que proibir as boas obras. Por fim, também devemos prestar atenção nisto: se somos negligentes na prática das boas obras em questão, é certo que temos pouca fé. Se não praticamos nenhuma obra e continuamos buscando nossos próprios interesses, nem sequer temos fé. E 1Coríntios 13.1-13 afirma: "Mesmo que falássemos a língua dos homens e até mesmo dos anjos, mesmo que previssemos o futuro, conhecêssemos[48] todos os mistérios e toda a ciência,[49] e mesmo que tivéssemos uma fé tão enorme que movêssemos montanhas", isto é, tivéssemos o impulso[50] da fé que é o dom de operar milagres — um dom às vezes conferido àqueles que sem esse dom não têm nenhuma fé verdadeira em Deus, como é claramente demonstrado por aqueles que, ainda que tenham operado milagres em nome do Senhor, ouvirão da boca dele: "Nunca vos conheci" (Mt 7.22) —, "mesmo que distribuíssemos todos os nossos bens aos pobres e até mesmo entregássemos nosso corpo para ser queimado, ainda assim não teríamos nada se não tivéssemos amor". Essa é a condição de todos aqueles que buscam apenas seus próprios interesses, pois o amor não busca vantagens. Também não somos nada se[51] não temos fé, pois pela fé não apenas nos tornamos algo, mas também somos abençoados,[52] como a passagem anterior enfatiza. Com efeito, somos uma obra de Deus, que não apenas é algo, mas certamente algo bom.

Uma vez que a fé verdadeira certamente produz o amor verdadeiro que nos faz transbordar em boas obras ao nosso próximo[53] e viver não para nós mesmos, mas para a glória eterna de Deus, e uma vez que a fé procede da graça de Deus mediante o ato de ouvir a Palavra de Deus (Rm 10.17), o nosso maior compromisso deve ser nos dedicarmos à Palavra divina, ouvi-la, lê-la, meditar sobre ela com o máximo zelo e praticá-la. Não devemos deixar nenhum homem nos afastar da Palavra de Deus; por ela devemos pôr em risco a honra, a vida, os bens e tudo aquilo que Deus nos deu. Pois apenas a Palavra de Deus nos torna

saudáveis e abençoados. A Palavra divina produz a fé; a fé produz o amor; o amor produz as boas obras como seus frutos — em conformidade com os quais Deus nos dá a herança eterna, uma vida totalmente divina e bem-aventurada. Amém.[54]

Nunc dimittis servum Tuum, Domine,

secundum Verbum Tuum in Pace.

FIM

---

[1]Alemão: hat gott gefallen: “Deus quis”, “agradou a Deus”. Fallen, “cair”, na raiz da palavra passa a impressão de um acontecimento ou decisão de Deus imprevistos e súbitos.

[2]Alemão: wesen. Veja a nota 3 da primeira parte.

[3]Ibidem.

[4]Alemão: heyland. Veja a nota17 do prefácio de Bucer.

[5]Alemão: gewalt. Veja a nota 95 da primeira parte.

[6]Ibidem.

[7]De erkennen. Veja a nota 9 da primeira parte.

[8]Ibidem.

[9]Nosso leitor, recordando a expressão weisen mit den Fingern, pensará junto com Bucer que a Lei e os Profetas são o grande dedo indicador de Deus que mostra o verdadeiro destino do homem. Veja a página 52.

[10]Alemão: selig. Veja tb. a nota 38.

[11]Veja as notas 51 e 52 da primeira parte.

[12]Lutero, Farel e depois Calvino (em todas as suas Institutas de 1541) também chamam os salmos de “o profeta” ou os citam como tal.

[13]Alemão: erkennt. Veja a nota 9 da primeira parte.

[14]Alemão: Zorn, “paixão ardente”, “ira justa” ou “indignação justificada” — o termo não deve ser confundido com fúria (Grimm) e furor (Wuth).

[15]Alemão: sonder. Veja a nota 12 do prefácio de Bucer.

[16]O alemão verheissen significava propriamente “fazer uma declaração ou promessa a um inferior”, pois heissen era usado referente ou aplicado a um superior dando ordens a um inferior.

[17]O alemão barmhertzigkeit corresponde ao latim misericordia. Ambos os termos envolvem e têm como centro o coração (Hertz, cor).

[18]Ibidem.

[19]O verbo alemão freüwen significa “experimentar um sentimento de prazer” (Freude) gerado por um objeto amado pelo qual o sofrimento não está excluído. Estar alegre nesse sentido (freudig) é algo mais profundo do que estar lustig (“agradavelmente entretido”) ou frölich (“jubiloso”) em relação à manifestação exterior.

[20]Veja a nota 17.

[21]Alemão: heyland. Veja a nota 17 do prefácio de Bucer.

[22]Veja a nota 17.

[23]Alemão: erloeser. De erloesen, que significa literalmente “soltar uma pessoa de algo que a prendia”, “libertar alguém pelo exercício da força ou com esforço”. Em seguida, significa “redimir”, i.e., “comprar a liberdade de alguém”.

[24]Literalmente: “o homem crente”.

[25]Alemão: heyland. Veja a nota 17 do prefácio de Bucer.

[26]Ibidem.

[27]Alemão: erloesung. Veja a nota 23.

[28]Ibidem.

[29]Veja a nota 17 do prefácio de Bucer.

[30]O deão Strohl observa que essa passagem talvez tenha sido inspirada pelos parágrafos 26 e 27 da obra de Lutero intitulada Da liberdade cristã (Otto Clemen, org., Luther’s Werke in Auswahl, [Bonn, 1912], vol. 2, p. 24-5; Luther’s Works [Philadelphia, 1943], vol. 2, p. 335-8).

[31]Bucer de novo usa o singular, indicando que o amor não é simplesmente disperso nas massas, mas se concentra no próximo individual.

[32]Alemão: erzürnen, “irritar”, “deixar irado”, é um verbo relacionado a Zorn. Veja a nota 14.

[33]Alemão: wesen. Veja a nota 3 da primeira parte.

[34]Para Lutero, a fé era um estado, quase uma entidade: apenas quando os homens estão na Fé, são capazes de entender a lei de Deus. Veja sua Exposição sobre o salmo 37 (Wittenberg, 1521), acerca do versículo 31. Poderíamos dizer que Lutero também concebia a palavra de Deus como uma entidade metafísica. Portanto, ele pôde afirmar: “Precisamos fazer uma grande diferenciação entre a palavra de Deus e a palavra do homem. A palavra do homem é um som leve que sobe no ar e logo desaparece, mas a palavra de Deus é maior do que o céu e a terra, até mesmo maior do que a morte e o inferno, pois é o poder de Deus e permanecerá eternamente. Portanto, precisamos nos dedicar com afinco ao estudo da palavra de Deus e crer e ter a certeza de que o próprio Deus fala a nós” (Lutero, Propos de table, tradução para o inglês de G. Brunet [Paris, 1844], p. 193).

[35]Veja a nota 12 do prefácio de Bucer.

[36]A margem do texto original traz aqui: “Fé imperfeita”. Essa passagem de Bucer reflete as ideias típicas de Lutero sobre a fé como a fonte do amor e da atividade cristã.

[37]Alemão: won, “capricho”, “ilusão”.

[38]Veja a nota 36.

[39]Observe o contraste: preocupação do homem (aflição) e preocupação de Deus (providência).

[40]Alemão: sonder (mas), em contraste com o antigo foco do homem em si mesmo.

[41]Veja a nota 27 da primeira parte.

[42]Alemão: selig. Veja a nota 38 da primeira parte.

[43]Ibidem.

[44]Literalmente: “para que andássemos nelas [boas obras]”. Aqui o alemão wandern é, como o inglês to walk, “andar”, no sentido bíblico de um curso de vida.

[45]Veja a nota 16.

[46]Alemão: gewarten. Veja warten, nota 129 da primeira parte.

[47]Ibidem.

[48]Alemão: wisten. Veja wissen, nota 9 da primeira parte.

[49]Alemão antigo: erkantnüsz, “conhecimento”. Veja erkennen, nota 9 da primeira parte.

[50]Alemão: tryb.

[51]Alemão: so, que muitas vezes significava “se”.

[52]Alemão: selig. Veja a nota 38 da primeira parte.

[53]Cf. Philip Melanchthon, the Loci communes, tradução e introdução crítica de Charles L. Hill (Boston, 1944), p. 202-4. Para Lutero, veja nossa observação na nota 36.

[54]O texto original de Bucer tinha este último parágrafo: “Portanto, nestes tempos perigosos em que a fé está diminuindo e o amor lamentavelmente desapareceu, porque a palavra de Deus não foi pregada de modo fiel e diligente, devemos com toda a seriedade orar para Deus nos enviar uma chuva da sua pura palavra divina, dar-nos a graça de aceitá-la e converter ou então eliminar aqueles que de modo tão insensível resistem a ele. Amém”. Os editores situam esse último parágrafo nas notas, pois o leitor comum (que Lutero costumava chamar de o Sr. Todo Mundo) o acharia estranho no próprio texto, por não ter nenhuma experiência da oposição que Bucer enfrentava. Para a palavra “converter” no parágrafo situado aqui, o texto original alemão apresenta beker, que significava fazer meia-volta e andar no sentido contrário. Apenas mudar de direção em geral seria wenden. O alemão Bekehren corresponde de modo exato ao semítico shub usado pelos Profetas, João Batista e nosso Senhor Jesus Cristo; cf. os Testamentos hebraicos de Delitzsch e Salkinson-Ginsburg. A grande contribuição dos reformadores foi sua redescoberta do conceito de arrependimento bíblico, não como um mero semítico tohu (pesar), nem como harat (remorso), nem como charatah (mudança de atitude com pesar), nem como

niham (sentir pesar, sentir muito), mas como o positivo e até mesmo alegre teshubah: voltar (para Deus) como um modo e curso de vida. Veja nossas notas 2 e 8. Sobre a natureza profética do protestantismo inicial, veja J. Calvino, lnstruction in faith (Philadelphia e London, 1949), p. 7, 8, 10, 95, nota 241.

NÃO VIVAM PARA SI MESMOS, MAS PARA SEU PRÓXIMO

Em *Instrução no amor cristão*, o reformador Martin Bucer faz uma abordagem única da relação entre a obediência na piedade cristã e sua dimensão social. Com clareza e profundidade pastoral, Bucer nos exorta, de um lado, a não vivermos para nós mesmos e, de outro, nos mostra como o cristão pode cumprir com seus deveres.

Esta é uma introdução à profundidade teológica e pastoral deste reformador que, antes um monge dominicano, envolve-se na reforma da igreja sob a influência de Martinho Lutero. Ao lermos seus escritos, somos conduzidos a uma compreensão mais rica do evangelho e de como vivê-lo a cada dia.

> O leitor de *Instrução no amor cristão*, que é a primeira obra publicada de Bucer (1523), encontrará aqui o interesse social mais antigo do protestantismo e será apresentado à caridade cristã totalmente abrangente de Martin Bucer. Seu ministério na realidade era caracterizado não apenas por um senso prático, mas, acima de tudo, por um amor ardente pelos seus irmãos, o qual fazia Bucer buscar tudo que une e, em nome de nosso Senhor, receber na igreja qualquer pessoa que busca a Cristo com um coração sincero.
>
> PAUL TRAUGOTT FUHRMANN, "Introdução"

VIDA NOVA
vidanova.com.br

@edicoesvidanova

ISBN 978-65-5967-187-8